



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

KAIO CÉSAR BANDEIRA DA ROCHA

**O FOLHETO NO CORAÇÃO E O CORDEL NA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS
POSTAS NO PAPEL SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS
COM O USO DO CORDEL.**

FORTALEZA

2022

KAIO CÉSAR BANDEIRA DA ROCHA

O FOLHETO NO CORAÇÃO E O CORDEL NA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS
POSTAS NO PAPEL SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS COM
O USO DO CORDEL.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa
Silva

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R573f Rocha, Kaio César Bandeira da.
O folheto no coração e o cordel na educação : narrativas postas no papel sobre as experiências no ensino de ciências com o uso do cordel / Kaio César Bandeira da Rocha. – 2022.
77 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Autobiografia. 2. Literatura de cordel. 3. Saberes tradicionais. 4. Narrativa significativa. 5. Cultura popular. I. Título.

CDD 570

KAIO CÉSAR BANDEIRA DA ROCHA

O FOLHETO NO CORAÇÃO E O CORDEL NA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS
POSTAS NO PAPEL SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS COM
O USO DO CORDEL.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa
Silva

Aprovada em: 12/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Francisco Paiva das Neves (Examinador)
Secretaria de Educação do Município (São Gonçalo do Amarante)

Prof. Dr. Marcos Roberto dos Santos Amaral (Examinador)
Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC-CE)

Dedico ao poder superior, pois nele há todos os versos escritos e os que ainda não de escrever. Aos meus pais, Maria Erondina Bandeira da Costa e Henrique César Pereira da Rocha, pela educação amorosa, carinhosa e atenciosa. Ao meu avô Antônio Chicute, pois plantou a semente do cordel no solo do meu coração e regou com muito amor fazendo vingar mais um poeta na família. Aos professores inspiradores que despertaram a consciência libertadora e fizeram-me acreditar na transformação através da educação. Aos amigos que fiz ao longo da graduação e durante meu percurso de vida. Aos amores conquistados e perdidos, as dores dos amados e ressentidos. Por fim, dedico a mim.

DEDICATÓRIA

Dedico toda esta luta,
Toda minha trajetória
A minha mãe e meu pai
Que iniciaram a história,
Pois me botaram no mundo
Pra fazer ato profundo
E buscar sempre vitória.

Dedico também a Deus
Que me ilumina e conduz
Pois sempre nos passos meus,
Ele que acende à luz
Assim, eu sigo no trilho
Carregando todo brilho
Que a educação reluz

Eu dedico a poesia,
Minha fiel companheira
Que sempre teve presente
Desde o início da carreira
E a todo bom amigo
Que segue junto comigo
Na educação brasileira

Dedico ao solo Caucaia
A cidade que eu nasci,
A serra da Santa Rosa,
Lugar que primeiro vi
A Lagoa do Banana,
A toda gente bacana,
Do lugar onde cresci.

Dedico essa conquista
Ao ensino e a escola,
Todo povo cordelista
E quem toca na viola,
Dedico também a mim
Por passar tempo ruim
Com meu verso que consola

Dedico a quem acredita
No poder da educação,
A toda gente bonita
Que faz boa reflexão,
Dedico para você
Que agora começa a lê
Essa minha conclusão.

AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer
Primeiro ao dom da vida
Ao bom espermatozoide
Que venceu sua corrida
E ao faceiro ovócito
Célula desenvolvida.

A toda escola pública
Que garante bom ensino,
Agradeço cada amigo
Por cruzar o meu destino
Agradeço minha sorte,
Pois eu nasci nordestino.

Gratidão quem me orienta
E me deixa mais esperto
Meu saber ele alimenta
Valeu professor Roberto,
Promovendo reflexão
Na luta pelo que é certo.

Eu agradeço ao PIBID
O caminho da docência
Graças a esse programa
Conquistei experiência
Tornei-me reflexivo,
Educador de excelência

Agradeço ao meu vô,
O verdadeiro poeta
Cada verso que ele disse
Fez eu ser gente correta
Obrigado pelos contos
Por dizer rima completa

Gratidão para o meu pai,
Minha mãe e meu irmão
Para toda minha família
Que me deu inspiração
A todo livro que eu li
Deixo minha gratidão.

Por fim quero agradecer
Ao mais perfeito ser
Sem você estava a esmo
Seguiu firme na conduta
Acreditou na labuta
Obrigado a mim mesmo!

RESUMO

O trabalho traz a narrativa da minha trajetória de formação inicial em correlação com a influência do cordel nesse processo. Esse estudo propõe como objetivos identificar, por meio da reflexão crítica e sensível acerca da minha história de vida, os impactos que as minhas experiências e vivências tiveram na construção da identidade profissional docente, refletindo sobre o papel das crenças e saberes experienciais nesta construção, conhecendo também o papel assumido pela poesia, em especial o Cordel, na composição dos saberes da docência, ressignificando experiências pessoais, vividas na trajetória de vida, que implicam nos processos de desenvolvimento da autonomia e protagonismo, na construção do Ser Educador. A metodologia adotada, refere-se a uma pesquisa narrativa autobiográfica (LIMA et al, 2015). Nesse contexto, problematizo o meu percurso de formação buscando contextualizar e analisar, por meio da narrativa, as influências relacionadas à construção da profissão, repensando sobre as vivências escolares, a relação da família e da Literatura de Cordel na minha construção sociocultural, narrando minha história no caminho pela docência. A pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, na qual, a fonte de dados foi feita mediante as anotações, observações, entrevistas e os diários de bordo com anotações em função das experiências vividas nas disciplinas pedagógicas, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e nos projetos que envolviam a Literatura de Cordel (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Nesse sentido, a descrição das experiências está organizada por tópicos, dessa forma, cada seção contém um tema central e uma fase do meu processo de formação contando a história envolvida naquela etapa da minha vida. Ao narrar as trilhas percorridas juntamente com as vivências experimentadas nesse meu trajeto de autoformação, encarei uma reflexão-crítica elaborada a partir da minha formação docente em contra ponto com as minhas vivências com o cordel. Sendo assim, conforme essa abordagem de pesquisa, almejo contribuir para ressignificação dos processos de aprendizagem na construção do Ser Educador, da identidade profissional e de saberes da docência. No geral, a Literatura de Cordel como instrumento didático que potencializa e contribui na sala de aula, revelou-se um grande aliado no mundo da educação, pois a poesia não só inspira, mas também liberta.

Palavras-Chaves: Autobiografia. Literatura de Cordel. Saberes Tradicionais. Narrativa Significativa. Cultura Popular.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Cordel Meio Ambiente	43
Imagem 02 – Cordel Meio Ambiente	44
Imagem 03 – Cordel Meio Ambiente	44
Imagem 04 – Cordel Meio Ambiente	44
Imagem 05 – Cordel Meio Ambiente	44
Imagem 06 – Cordel Como Fomos? Como Somos?	46
Imagem 07 – Reunião de Planejamento das Atividades do PIBID.	51
Imagem 08 – Eletiva do Cordel no Ensino de Biologia.	52
Imagem 09 – Profetas da Chuva.....	53
Imagem 10 – Aula Produção de Versos.	56
Imagem 11 – Acervo do Poeta Ocione.....	58
Imagem 12 – Venda de Cordéis numa Cantoria de Viola	59
Imagem 13 – Cordel A Semente do Saber	60
Imagem 14 – Visita a Instituição Aquasis	64
Imagem 15 – Reunião da Casa do Poeta Cearense.....	65
Imagem 16 – Recebendo o Livro Antologia Poética: Vozes da Caucaia	66
Imagem 17 – Divulgação do Livro na Praça	67
Imagem 18 – Lançamento do Livro no Shopping Benfica.....	67
Imagem 19 – Cordel Os Animais Têm Razão.....	70
Imagem 20 – Cordel: Meio Ambiente a Visão.....	70
Imagem 21 – Cordel – Covid, a segunda onda.....	71
Imagem 22 – Cordel As Partes do Corpo Humano com a sua serventia.....	71
Imagem 23 – Cordel – Lobo-Guará.....	71
Imagem 24 – Cordel – O mal que o cigarro faz	71
Imagem 25 – Cordel – O Plantador de Ervilhas.....	72
Imagem 26 – Cordel – Festa de arromba na floresta.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EDILUAL – Edidora Lucarocas Artes

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IPEC – Instrumentalização Para o Ensino de Ciências

ONG – Organização Não Governamental

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

PROUNI – Programa Universidade para todos

T.I – Tecnologia da Informação

TV - Televisão

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFC – Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O FOLHETO NO CORAÇÃO E O INÍCIO DA PAIXÃO PESQUISA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	15
3 O CORDEL NA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTALIZAÇÃO	18
4 CORDEL, ALÉM DO PAPEL	27
5 UM POEMA EM CADA GALHO E UM VERSO EM CADA FLOR.....	39
6 DESPRENDENDO DO CORDÃO.....	56
7 O ROMANCE EM EVIDÊNCIA E O SEU USO NA CIÊNCIA.....	67
8 O CORDEL NÃO É INTRUSO, A CONCLUSÃO DO SER INCONCLUSO.....	72
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, compartilho minhas lembranças sobre experiências vividas ao longo da minha vida, convido o leitor a voltar no passado e caminhar junto comigo pelas vivências que me levaram a chegar até aqui destacando a influência da literatura de cordel na minha formação humana e profissional. Ao encarar essa narrativa autobiográfica, a história contada não se refere apenas a mim, mas também a todos os personagens que fizeram parte do meu enredo. Com isso, tento analisar ao longo dessa visita ao meu passado, quais são as contribuições e potencialidades do cordel como instrumento didático. Nesse aspecto, trago sempre como forma de discussão os pensamentos de Paulo Freire com as suas colaborações sobre a leitura de mundo.

Narrar o que se experimenta não é apenas relatar algo a alguém em uma conversa, trata-se de perceber a experiência numa dimensão subjetiva, reflexiva e transformadora diante de algo novo. Nesse sentido, “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2015, p. 28). De fato, ao narrar minhas experiências nesse trabalho percebi minha transformação no processo de escrita refletindo em momentos que revisitei memórias importantes para essa pesquisa. Portanto, como ser em formação, sei que me formo e reformo ao formar alguém enquanto quem é formado, forma-se e reforma ao ser formado (FREIRE, 2014). Ou seja, somos seres inacabáveis e que estamos sempre em processo de formação.

Escolhi escrever esse trabalho com base na minha história de vida, com o intuito principal de identificar os impactos que as minhas experiências e vivências tiveram na construção da minha identidade docente correlacionando a influência do cordel sobre esse aspecto. Dessa forma, busco integrar os conhecimentos populares e científicos, saberes que invadem rotineiramente minha atuação como educador e minhas experiências como poeta popular, portanto, procuro desconstruir a ideia de que os dois não podem conviver juntos ou que um possui maior relevância que o outro, afinal, como afirma o grande educador popular Paulo Freire (1987, p.68), “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”.

Sobre esse viés, com a finalidade que eu pudesse, de fato, narrar a minha história encontrando as relações entre a minha trajetória de vida e a construção da minha identidade profissional docente, identificando como minhas vivências e experiências foram significativas para o desenvolvimento de minha personalidade, caráter e percepção

de mundo, utilizei como metodologia nesse estudo “*O Trabalho com Narrativas na Investigação em Educação*”,(LIMA et al, 2015) que apresenta como fundamento o destaque na história e memória, que conduz ao processo de autoinvestigação. É preciso considerar a importância das narrativas autobiográficas como metodologia de autoinvestigação, uma forma de contar a nossa história, revivendo as memórias de maneira crítica e sensível. Sendo assim, a aproximação entre pesquisador e pesquisado, longe de ser um mecanismo de “contaminação” da pesquisa, significa a possibilidade de construção de outras compreensões acerca das nossas experiências. Por fim, essa pesquisa refere-se à narrativa de experiências do vivido, isto é, narrativas de experiências educativas, pesquisa relacionada com uma experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, no caso o cordel, tomando, portanto, como objeto de compreensão (LIMA et al, 2015).

Começo o meu enredo pelo tópico “*O folheto no coração e o início da paixão pesquisa narrativa autobiográfica*”, nesse ponto, trago as recordações mais antigas juntamente com um pouco da história do cordel e sua evolução. Visitei por meio das minhas lembranças, a fase infantil na qual eu escutava as declamações do meu avô, o início da educação básica e minhas primeiras participações no cenário artístico. Trouxe também nesse ponto, as brincadeiras de criança, os banhos de açude e toda minha danação pelo quintal da minha casa. Tudo isso, em consonância com a literatura de cordel, pois fiz questão de narrar o local que me deu tanta inspiração e sensibilidade. Trago também a ideia da narrativa, apresentando o cordel como um gênero complementar a esse modo.

Na seção seguinte, intitulada “*O cordel na educação como instrumentalização*” trago minhas vivências escolares com a literatura de cordel juntamente com um arcabouço teórico discutindo essa relação. Nesse ponto, enfatizo o papel da escola na reafirmação das tradições populares e a importância do uso desses saberes no ensino. Com isso, evidencio alguns poetas populares e destaco a importância deles na construção do conhecimento popular se tornando personalidades reconhecidas pelos seus versos que expressam tudo aquilo que seus semelhantes gostariam de falar. É nessa seção também que relembro um momento crucial na minha vida como poeta-educador, o meu “despertar poético”, quando me conecto profundamente com a poesia do mestre Patativa do Assaré.

Logo após, trago o tópico “*Cordel, além do papel*” com o objetivo de mostrar as várias maneiras que o cordel invade nossas vidas. Nesse ponto, evidencio a relação do cordel com a cultura e seus aspectos que envolvem o nosso cotidiano, trago nessa parte a identidade nordestina sobre essa literatura, nossos costumes, nossas tradições e nossas

falas. Além do mais, destaco características importantes na evolução do folheto desde a sua fase envolvida com a educação até os versos que demonstram um apelo social, representando a força dos poetas populares.

No outro ponto, apresento o tópico *“Um poema em cada galho e um verso em cada flor”* trazendo a ideia de que a literatura de cordel está espalhada por toda parte basta apenas a gente enxergar direito. Dessa maneira, venho mostrar que o cordel não é algo exótico, como muitas vezes é utilizado nas escolas, fazendo uso apenas em eventos atípicos que expõe a temática discutida em questão. Nesse momento, abordo a utilização da metodologia no cotidiano percebendo a influência que essa literatura tem nas demais artes como a música, a dança, o teatro dentre outras.

Continuando na sequência, trago a seção *“Desprendendo do cordão”*, nesse ponto discuto as minhas vivências fora do âmbito universitário e para além da literatura de cordel, porém, vale ressaltar, essas vivências só ocorreram graças às oportunidades realizadas com a utilização do cordel. Nesse sentido, relembro momentos marcantes relacionados com a construção cultural de Caucaia e minha participação dentro desse cenário. Além do mais, evidencio na narrativa situações envolvendo questões educacionais.

Em seguida, apresento o tópico *“O romance em evidência e o seu uso na ciência”* apontando temáticas de cordéis de cunho científico que servem como forma de ativar a curiosidade dos estudantes e estimular o ensino. Ou seja, nesse ponto, apresento a variedade de títulos relacionados com a literatura de cordel e qual metodologia utilizar na abordagem científica, pois não é apenas trazer o cordel e entregar para os estudantes lerem. Nessa etapa, abordo métodos e algumas dicas de como fazer o procedimento da forma que haja o melhor aproveitamento do material

Por fim, no último tópico, *“O cordel não é intruso, a conclusão do ser inconcluso”*, concluo minha narração e as observações referentes ao processo de escrita. Com isso, termino minhas considerações finais dialogando com as ideias iniciais apresentadas, portanto, findo minha narrativa colocando ponto final, ou melhor, reticências, pois o debate continua ecoando. Nessa conclusão, apresento minhas convicções no que se refere o uso do cordel em sala de aula e debato com algumas referências esse ponto.

2 O FOLHETO NO CORAÇÃO E O INÍCIO DA PAIXÃO PESQUISA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.

*“O caba que é poeta
Só vivi fazendo rima
De manhã quando acorda
O sentido está em cima
Mesmo não tendo papel
Anota na areia fina.”
(Estrofe de Antônio Chicute, poeta popular).*

Narrar é contar, através de um ponto de vista, a história descrevendo aspectos identificados pela perspectiva que foi escrita. Em uma narrativa autobiográfica, a história é conduzida pelo próprio narrador, pois esse escolhe pontos que considera importante salientar fazendo uma autoinvestigação avaliando sua trajetória referente ao objeto que pretende expor na narração. A escrita tem papel fundamental na construção do conhecimento, pois, através dela, é possível acumular informações e descobrir respostas alterando contextos e paradigmas explicitando, portanto, um novo olhar para a pergunta que antes não havia resposta. Dessa forma, a abordagem autobiográfica surge da necessidade de ampliar os estudos sobre histórias de vida num amplo movimento de investigação considerando a aprendizagem dos sujeitos e mais, especificamente, as suas narrativas (SOUZA, 2006).

Antes mesmo das pinturas rupestres, consideradas como os primeiros registros históricos colocados nas cavernas, já havia a socialização de informações. Há cerca de 70 mil anos, a espécie *Homo sapiens* começava a formar estruturas bem elaboradas de comunicação cujo desenvolvimento subsequente seria denominado por cultura (HARARI, 2016). Nesse sentido, as narrativas nascem no meio popular sendo uma das maiores formas de propagação do conhecimento tendo forte expressão cultural e de valores. Narrar uma história é registrar a eternidade dos momentos já acontecidos e espalhar na mente e no coração dos ouvintes/leitores, disseminando no planeta tudo aquilo que antes era guardado na gaveta particular de cada mente humana. Contar a própria história, necessita retornar aos próprios passos reavaliando e refletindo o percurso já vivido repensando as escolhas que foram feitas e quais resultados foram obtidos por isso. Escrever sobre si mesmo, é um ato de amor no qual acontece descobertas pessoais dando sentido às vivências e experiências em contato com outras pessoas. Afinal, nenhuma vida se desenrola com um único personagem. Minhas lembranças não são apenas fragmentos fixos de um determinado tempo, não é também como se fossem cenas de um

filme já gravado. Na verdade, são memórias estabelecidas pela relação com o presente que se ressignificam a cada momento (FERREIRA, 2014)

Quando relembro o passado conecto versões entre o que fui, o que sou e o que serei, renasce sonhos, pesadelos, alegrias, tristezas, momentos inesquecíveis, instantes que gostaria de esquecer, medos e segundos de coragem. O passado ganha destaque por estar sendo revisitado e sendo foco de estudo contendo recortes específicos para uma auto análise descritiva sobre o objeto de pesquisa. O presente é eterno e se debruça sobre o que já aconteceu sendo reflexo das decisões tomadas ao longo da minha vida. Enquanto o futuro incerto e inseguro se apresenta aos poucos por meio de idealizações formadas pelas ações do momento. Sobre essas observações pretéritas, percebo que não posso existir de forma isolada e solitária, pois todos os indivíduos ao meu redor fazem parte da minha construção social (SOUSA, 2022). Portanto, sou produto de um meio cultural do qual faço parte, mas também modifico esse meio e o altero sendo um fazedor de cultura. Com isso, minha essência é construída de maneira natural sendo sensível ao mundo que pertence. Além do mais, vou agregando saberes relacionados ao contexto no qual estou inserido. Sendo assim, os costumes dos meus antepassados, seus saberes populares, suas cantigas, seus rituais e suas histórias pessoais, histórias essas que não estão nos livros, moldam uma composição do meu EU. Um indivíduo em construção, expressa uma reflexão sobre tempos e espaços de formação (SOUZA, 2016).

A educação permeia nossas vidas além da escola, a aprendizagem está presente num diálogo com nossos avós, por exemplo. Não há educador completo ao se concluir uma graduação e receber um diploma. Na realidade, trata-se de um processo contínuo buscando uma identidade profissional reflexiva sobre a prática docente (FREIRE, 2014). Sobre esse viés, minha relação com as narrativas populares iniciou-se com meu avô materno conhecido como Antônio Chicute, quando eu era criança meu avô sempre declamava romances de feira – o famoso cordel – para mim e meus primos sempre que íamos o visitar. Nesses momentos, o enredo do folheto prendia minha atenção com suas histórias fantasiosas sobre guerreiros e dragões, Lampião e sua chegada no inferno, as proezas de João Grilo, dentre outras obras. Esse espaço fez parte da minha formação cultural enquanto leitor e encaminhou minha trajetória educacional regional contribuindo com vivências de minha autonomia. Nesse sentido, percebi a importância da leitura de mundo e do empirismo na educação de uma criança, mesmo sem ainda conhecer direito as ideias de Paulo Freire, ficava claro nessa ocasião que não importava diploma ou um curso superior para poder ensinar outra pessoa, mas sim o simples fato de relatar sua

experiência sobre determinada situação já serviria como uma lição. Recordando essas vivências, percebo agora como poeta – POETA POPULAR – que escrevo como pessoa para pessoas que nem eu e sou protagonista nesse aspecto.

No que se refere a essa narrativa autobiográfica, não foi preciso muito esforço, entretanto, necessitei concentração para poder acessar memórias e revivê-las por intermédio de uma análise teórico-prática em relação a tudo que vivenciei sobre essa temática. Vasculhei álbuns de fotografias com o intuito de ativar conexões cerebrais para que eu pudesse acessar memórias adormecidas, conversei com meu avô buscando extrair no diálogo lembranças dos momentos da minha infância quando escutava-o declamar alguns versos, visitei e entrevistei alguns amigos e familiares com a finalidade de resgatar recordações, fui a espaços que fizeram parte da minha formação humana pessoal e profissional como a escola do ensino médio, biblioteca comunitária e a escola fundamental em que minha mãe trabalha. Adotada essa metodologia de trabalho conscientemente reconheço a realidade social complexa, elaborada por seres humanos que vivenciam a experiência interrelacionada (ABRAHÃO, 2004).

Em relação à metodologia de resgate de memórias, é imprescindível trabalhar com procedimentos que sejam palpáveis dando maior veracidade aos fatos que são descritos. A análise oral consta de um procedimento bastante eficiente, entretanto, registros fotográficos e documentais possuem grande relevância, ao se referir uma pesquisa autobiográfica. Nesse sentido, utilizei como recursos materiais que endossam esse aspecto da pesquisa, tais como imagens e documentos escritos, relacionando-os com tudo que foi narrado de forma oral. Desse modo, realizei uma miscelânea entre discursos, registros fotográficos, primeiros versos produzidos, dentre outros registros que podiam atribuir valor e resgatar as lembranças narradas. Ao longo desse resgate memorial, retornei destas viagens ao passado e desembarquei na parte prática da pesquisa nos dias atuais, descrevendo, portanto, toda a minha experiência com a utilização e a participação do cordel em projetos voltados ao ensino de ciências. Dessa maneira, o ponto foco dos meus estudos está atribuído na análise autobiográfica referente às contribuições do cordel na minha formação enquanto futuro professor arte-educador e quais são suas potencialidades no ensino de ciências. Em suma, essa narrativa autobiográfica se caracteriza pelo fato de observar e buscar compreender a relação do cordel com o ensino de ciências e qual seu papel como forma de instrumentalização do conhecimento biológico seja nos versos de Patativa do Assaré ou de um poeta popular não tão famoso. Segundo Paulo Freire (2014), é necessário que o indivíduo tenha autonomia para

compreender os fenômenos que o cercam e agir sobre esses acontecimentos, tornando-se agente transformador sobre as coisas que lhe causam impacto. A teoria e a prática se complementam na procura de respostas, na reflexão, no diálogo e na solução de problemas, as duas formam um todo e não há maior importância de uma em detrimento da outra. A teoria isolada da prática ou a prática isolada da teoria não se constitui de fato, afinal, a reflexão só possui sentido quando é posta em ação, e uma ação desprovida da reflexão não possui a mesma relevância (SOUZA, 2001).

Narrar a minha história é encher de sentido a própria vida, é reaprender a cada linha escrita no processo de reflexão e ensinar também a quem ler essa minha narrativa, é relembrar histórias sublimes de docentes que se tornaram inspiração no meu processo de desenvolvimento pessoal e profissional.

São as pessoas importantes para si mesmas ou para outrem, que escrevem memórias e autobiografias. Algumas escrevem e reescrevem suas memórias e surge-me a hipótese de que talvez a autobiografia só possa ser escrita de uma vez, mas as memórias muitas. O significante sob o qual funciona a autobiografia não permitiria que fosse diferente: um só autor, uma só vida, uma só grafia. A memória é desdobrável e sujeita às provocações, estimulações e à subjetividade que tornam as memórias incontroláveis. (LOPES, 2004, p. 234)

Eu sou protagonista principal do enredo chamado “minha vida”, cabe a mim contar a história na qual eu atuo. Sendo assim, desenrolando o fio que tece essa trama posso me reconhecer dentro das subjetividades, lembrando quem fui redescobrimo quem sou e reafirmando quem posso ser. Por fim, a minha identidade é reconstruída no percurso que me leva a ser professor.

3 O CORDEL NA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTALIZAÇÃO

*“[...] Meus versos são como a semente
Que nasce inriba do chão
Não tenho estudo nem arte
A minha rima faz parte
Das obras da criação [...]”
(Patativa do Assaré)*

Analisando o momento atual, no instante da escrita dessa narrativa, não consigo me observar apenas como professor, porém me enxergo também como poeta, cordelista, escritor, ativista cultural, ator, biólogo, empreendedor, político e um menino que gosta de carregar água na peneira, como elucida a poesia de Manoel de Barros (2018). O sonho de mudar o mundo que carrego desde criança ainda perpetua na esperança que trago agora

como educador, pois sei muito bem que é através da educação que mudamos as pessoas e por consequência o mundo, de acordo com Paulo Freire (2014). Diante desse cenário, me questiono a respeito do Kaio do passado, será que ele pretendia alcançar a realidade que tem hoje? Será que as opções que ele selecionou o fizeram traçar um percurso que o levasse a concretizar seus objetivos? Obviamente, nem tudo sai conforme planejamos, entretanto, essas indagações me levaram a voltar um pouco no passado e analisar as escolhas estabelecidas e as vivências no que diz respeito à educação e ao cordel. Sobre isso, refiz as trilhas da mente humana relacionadas às memórias da infância passeando pelas lembranças da adolescência culminando na experiência da vida adulta que envolve a graduação. Portanto, trago nesse capítulo o contato que tive com o ensino juntamente com a experimentação da literatura de cordel desvendando pontos importantes para minha formação profissional destacando momentos que considero marcantes nessa relação ensino e cordel.

Entender ensino é discutir o papel da escola como extensão da instituição física e saber que a relação de autonomia da aprendizagem está relacionada com a maneira como os indivíduos são expostos à educação. Nesse contexto, a tarefa docente não está apenas no ato de ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo (FREIRE, 2014). De acordo com Patativa do Assaré (1978), é melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada. Ou seja, não adianta nada ser letrado se o seu discurso não condiz com as suas práticas. Sobre esse aspecto, analisando minha infância, reparo hoje os vários professores que fizeram parte da minha formação humana, (sendo a palavra professores utilizada no sentido de quem passa seu conhecimento adiante e desperta o interesse em quem permite ser educado).

Para os não cientistas o valor de um conhecimento e sua autoridade residem na experiência acumulada de quem fala. O cacique, o xamã, o pajé, o lavrador, a benzedeira, o raizeiro, a doceira, a quitandeira, a parteira etc. têm na sua experiência o lugar de autoridade, ao qual sempre recorrem. Mesmo quando são confrontados com situações inusitadas ou que fogem daquilo a que estão acostumados, recorrem às suas referências: outro mais velho e mais experiente. (LIMA et al 2015).

No que diz respeito a minha fase de alfabetização, lembro-me bem da professora Lara pedindo para fazermos um porta caneta reciclável feito com garrafa de plástico e escrever uma mensagem para nossas mães, pois se aproximava o dia das mães. Nesse momento, eu já admirava a poesia que sempre escutava do meu avô e vi nesse instante a

oportunidade de tentar fazer algo semelhante com o que escutava do meu vô. Com isso, executei a tarefa árdua passada pela professora Lara para confeccionar o porta caneta e, logo após, escrevi os seguintes versos para minha mãe: “O amor é com uma flor. Se o amor não existisse a flor ficaria triste.” Esses versos se eternizaram na memória afetiva da dona Erondina (minha mãe) e até hoje ela lembra com carinho. No caso do porta caneta, ele provavelmente deixou de existir um mês depois da sua confecção.

Ainda sobre o assunto da minha alfabetização, nesse período eu costumava frequentar duas escolas, uma particular e outra pública, pois minha mãe dava aula na escola da prefeitura e me levava mais ela para poder tomar conta de mim enquanto meu pai trabalhava. Nesse contexto, eu cresci vendo duas realidades, a de uma infraestrutura particular com apoio pedagógico e recursos disponíveis, enquanto a outra faltava material e auxílio profissional para os professores. No entanto, o ensino público me cativava mais devido a liberdade de expressão e o respeito com os saberes tradicionais, pois sempre havia algum evento que colocava o agricultor como destaque profissional. Essa relação de ensino-aprendizagem tornava a realidade mais próxima ao conteúdo estudado, pois ao ensinar soletrar JU-MEN-TO eu assimilava de maneira mais fácil do que a palavra GIR-RA-FA, animal no qual ainda nunca vi pessoalmente. Nasce, talvez nesse momento, a compreensão que aprender é um processo particular e individual, porém que carece do processo coletivo para as trocas de conhecimento criando as possibilidades para a sua produção ou construção (FREIRE, 1987).

Pois bem, deixe-me apresentar de maneira singela. Sou Kaio César Bandeira da Rocha nasci no dia 19 de abril de 1998, primeiro filho de Maria Erondina e Henrique César. Tenho um irmão mais novo, Pedro Kauã. Sou natural de Caucaia, nasci na Santa Rosa e me desenvolvi nas Caraúbas, ambos bairros do interior de Caucaia. Revivendo minhas memórias através de fotos e diálogos, faço um recorte de trechos marcantes da minha infância relacionada com o cordel e meu processo de aprendizagem. Recordo-me bem dos momentos de comunhão em família quando nos reuníamos em uma casa de farinha, embaixo de uma mangueira ou somente para rever os parentes, ainda hoje ocorrem eventos como esses só que de maneira mais rara. Entretanto, quando criança era comum todos os finais de semana ir para a serra de Santa Rosa, terra dos meus avós maternos. Nessa ocasião, algo corriqueiro relacionado a esses encontros, eram as prosas e histórias contadas pelo meu avô Antônio Lopes da Costa, mas conhecido como Antônio Chicute. Sobre isso, meu vô sempre narrava romances de cordéis para seus netos declamando todos os versos sem ler uma palavra sequer, pois ele sabia tudo de cor. A

narração de seu Chicute me fazia viajar nas histórias de trancoso, no romance do pavão misterioso e outros mais. Além, é claro, da melodia rimada das narrações me manter encantado em cada verso desejando que a história nunca acabasse. Nesse cenário, fui crescendo e desenvolvendo meu gosto literário.

É de conhecimento geral que o cordel foi forte auxiliador no processo de alfabetização, sendo item primordial na cartilha do ABC, principalmente quando se trata do nordeste brasileiro, mais especificamente seus interiores (TAVARES, 2005) No meu caso não foi diferente, crescer ouvindo declamações de cordel e narrações de histórias do nosso folclore ajudou bastante no meu desenvolvimento como leitor. Parafraseando Paulo Freire (2014), “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”. Istoé, ninguém pode formar a minha opinião por mim, porém as influências do meio em que vivo auxiliam no processo de construção do meu ser. Então, o ambiente no qual eu me desenvolvi foi peça fundamental para a minha relação com a literatura de cordel.

Caraúbas é uma planta da família Bignoneaceae, na qual também pertencem os ipês. Na realidade, esse é um nome popular para os ipês. Além de dar nome a planta, não sei por qual razão, (talvez porque tinha muitas dessas árvores lá) também deu nome para o meu bairro sendo que atualmente se encontram poucas dessas plantas no território. Esse lugar, foi onde passei a maior parte da minha vida até agora. Caraúbas é mais conhecido por Lagoa do Banana, nome com mais destaque no setor de turismo devido às atrações e belezas da região. O ponto no qual estou querendo chegar, é para situar o local da minha formação humana e profissional. Meu bairro tem um aspecto interiorano com pouca movimentação, um lugar bem pacato onde a maioria das pessoas se conhecem. A casa onde me desenvolvi fica ao lado dos meus avós paternos gerando muita relação do meu ser com esses meus parentes. Além disso, tem aspecto de sítio com um vasto terreno cheio de plantas frutíferas e um espaço com um açude onde passei boa parte da minha infância. Lembrar do Kaio garoto é lembrar de um menino traquino que vivia de aventuras com seus primos, correndo atrás de galinha, se atrependo em pé de caju, nadando no açude ou aprontando qualquer outra coisa. Esse Kaio sonhava em mudar o mundo através de seus versos de poeta. Atualmente não mudou muita coisa, só não tem a mesma energia de antigamente.

A arte é a forma de traduzir o mundo pelos olhares do artista e a ciência é a maneira de interpretar o universo através das informações contidas nele. Portanto, no processo de

educação é impossível desassociar essa relação tão intrínseca. Sobre essa questão, a arte entrou na minha vida por intermédio do cordel através dos contos de meu avô enquanto a educação tradicional fazia o papel de me educar como cidadão. Na minha infância, não recordo nenhuma utilização do cordel em sala de aula apesar de perceber a influência dele fora da escola, mas que também proporcionava aprendizagem. Nesse sentido, analiso atualmente, como pesquisador e futuro professor, essa relação entre a educação e as várias ferramentas didáticas.

Na mudança de um ensino fundamental para um ensino médio técnico de tempo integral eu senti várias diferenças. Primeiramente, o tempo permanecendo dentro da escola. Segundo, a relação dos professores com os alunos se tornou algo mais íntimo e por último a autonomia dos estudantes parecia ter aumentado. Contextualizando essa fase da minha adolescência, em 2014 eu ingressava na escola de ensino médio profissionalizante Prof. Marly Ferreira Martins. Nesse contexto, eu estava saindo de uma escola particular de tempo regular para um ensino público de tempo integral encarando uma nova realidade e conhecendo novos desafios. Essa escola foi o ambiente que proporcionou o que chamo de meu despertar poético, pois foi na biblioteca dessa instituição na qual me deparei pela primeira vez com uma obra de Patativa do Assaré. É impossível eu não ter visto nada antes, entretanto, o momento que interpretei de fato e que os versos desse poeta mais me tocaram foi nesse dia e nesse local. Estava na biblioteca com a finalidade de pesquisar poetas do período barroco, pois o professor de português havia dado uma aula sobre Gregório de Matos e eu havia me interessado. Portanto, fui pesquisar a respeito desse poeta, porém na prateleira de poesias me deparei com o livro *Cante lá que eu canto cá: filosofias de um trovador nordestino*. O título já me ganhou e a primeira estrofe de apresentação fez eu entender que a poesia pode ser um instrumento de mudança social sim. Era a seguinte estrofe:

*“Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.”*
(Patativa do Assaré, 1978, p. 17)

Os versos de Patativa são narrações do cotidiano do homem no campo, fala sobre a lida diária do agricultor sobre a perspectiva de um poeta sem diploma, porém doutor na arte do versejar. Patativa não tinha diploma, mas tinha a leitura de mundo e sua poesia impressionava pela técnica aplicada e pela filosofia contida. Nesse dia que descobri os versos do passarinho do Assaré, eu me senti representado na sua escrita, pois já havia lido Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros e outros renomados poetas, porém nenhum tinha escrito tão próximo a minha realidade quanto o mestre de Assaré. Esse foi o marco que me fez entender o poder da poesia, desse dia em diante decidi escrever versos semelhantes ao de Patativa com o intuito de descrever o meu cotidiano e representar a minha classe.

Em relação ao meu despertar poético, logo após a leitura da obra de Patativa senti a necessidade de escrever meus próprios versos e de alguma forma publicá-los. Devido a era da informação que estamos vivendo o mais prático seria criar uma rede social e divulgar meus textos por lá, porém eu precisava de algo físico queria começar pela escola com um tipo de jornal ou apenas pregar adesivos com versos pelos muros. Nesse mesmo momento ocorria uma vez por semana encontros para debater textos no intervalo do almoço. Isso funcionava como um clube de leitura denominado o clã do chapeleiro. Nesse espaço, os estudantes tinham autonomia para levar algum tema ou livro para ser discutido em questão. Esse projeto foi idealizado pelo professor de português Marcos Roberto, o de filosofia Arthenyo Araújo e o de história Otavio Bastos. Com isso, juntei o útil ao agradável, pois eu já participava do clã só me faltava apresentar algo, portanto, seria o momento para me lançar como poeta e demonstrar meus textos. Dito e feito, marquei minha apresentação sobre cultura erudita e cultura popular e no final apresentei alguns textos e declamações que conhecia. Foi um sucesso, aplausos e felicitações pela apresentação. Naquele momento eu me senti mais vivo que o normal como se meu papel tivesse sido cumprido, espalhar meus versos como Patativa fez.

Assim, tudo somado, talvez tenha percebido que os professores eram a janela e um caminho para os alunos, para que vissem suas próprias condições e vislumbrassem um destino diferente[...] Se os estudantes vêem e ouvem o desprezo, o tédio, a impaciência do professor, aprendem, uma vez mais, que são pessoas que inspiram desgosto e enfado. Se percebem o entusiasmo do professor quando este lida com seus próprios momentos de vida, podem descobrir um interesse subjetivo na aprendizagem crítica (SHOR; FREIRE; 1987 p. 35).

A motivação motiva, pois essa energia é contagiante. Assim como o ato de bocejar induz alguém a também querer bocejar ou a atitude de sorrir despertar o sorriso em outra pessoa a educação libertadora convoca o educando a se libertar enquanto que o inverso também é válido fazendo com que o sonho do oprimido seja se tornar o opressor (FREIRE, 2014). Nesse quesito, a escola Marly Ferreira Martins e os profissionais presentes no período que estive lá agiram de maneira libertadora dando espaço para autonomia dos estudantes. O ambiente libertador contava com a participação dos estudantes em movimentos que eles mesmos administravam, seja em um clube de leitura, em um evento cultural ou na própria mobilização política com a finalidade de permitir o uso de chinela durante o intervalo do almoço. Essas situações propuseram momentos enriquecedores na minha formação. Dessa forma, acabei utilizando bastante a minha habilidade com a escrita poética em vários eventos da escola ao passo de me tornar uma atração confirmada em todo momento cultural. Essas situações permitiram que eu evoluísse na escrita literária e encontrasse um caminho que gosto de trilhar.

O cordel sempre esteve na educação. A sua própria evolução é construída através de narrativas, pois o cordel de forma sucinta é uma narrativa que possui aspectos particulares como métrica, rima e oração. Dessa maneira, os primeiros romances de feira ou histórias de cordel nem sequer foram escritos, porém passaram de geração pra geração por meio da oralidade (FERREIRA DA SILVA, 2012). Sobre essa óptica, bastantes produções de poeta populares são conhecidas sem nem saber de fato a sua origem. Durante o período do meu ensino médio a relação com a literatura de cordel e o ensino começou a se intensificar, pois alguns professores solicitavam que eu fizesse oficinas a respeito das técnicas do cordel. Nesse momento, eu não sabia ainda o que eu gostaria de fazer como profissional. Estava no ensino médio cursando redes de computadores tudo indicava que seria um técnico de redes ou algum tipo de analista de sistemas digitais, porém essa ideia não me animava nem um pouco. Por outro lado, as experiências que tive ministrando oficinas de literatura de cordel fizeram meu olho brilhar, mas não sabia direito como que trabalhava com aquilo e nem qual caminho seguir. Portanto, acabei trilhando o percurso predestinado depois que terminei o meu estágio técnico em uma provedora de internet fui efetivado na empresa, mas não agüentei ficar muito tempo devido uma série de fatores desestimulantes que não valem nem a pena comentar.

No ano de 2016 concluo meu ensino médio técnico e fico à mercê do destino, aguardo desesperadamente o resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e busco algum emprego que me faça ganhar dinheiro. A vida adulta e o desespero da

autoafirmação do sucesso me causam medo, me trazem angústia. O resultado do ENEM é anunciado, minha nota não é nada boa, mas conseguiria entrar com Programa Universidade para Todos (PROUNI) em alguma universidade particular, porém nem um curso me atrai, pois eu ainda não sei o que quero da minha vida. Passa o tempo de inscrição das universidades e eu não consigo vaga. Lembro de ficar bastante triste em não conseguir passar em alguma universidade, mas eu nem sabia o que queria direito. Enfim, bola pra frente já sou maior de idade e tenho que arrumar emprego vou ver se volto a trabalhar na área de tecnologia da informação (TI) enquanto não conseguia nada trabalhava finais de semana num restaurante que minha tia tomava de conta. O dinheiro não era muito, porém morando com os pais dava pra economizar um bocado. Depois de passar algum tempo surge vaga na escola que minha mãe trabalha no projeto Mais Educação, ela pede pra eu me inscrever não fico muito animado, mas como a escola é do lado da minha casa não custa nada tentar. Submeto minha inscrição e espero a convocação. Quando sai o resultado estou na lista dos aprovados para o projeto Mais Educação modalidade esportiva.

Em relação ao projeto Mais Educação, confesso que não estava animado para trabalhar com isso. Sabia nem pra onde ia, a diretora convocou uma reunião para nos dar instruções a respeito das nossas atividades. Eu sabia que iria trabalhar com esportes então pensei comigo mesmo, é só entregar uma bola e fazer os meninos jogarem, ô garapa. No entanto, ao longo do meu processo de formação fui entendendo que ser professor é ser reflexivo sobre as suas práticas educativas e percebi cada vez mais a autonomia e liberdade passada no meu ensino médio. Com isso, ao invés de dar uma bola para as crianças jogarem e passar o tempo, eu decidi incluir métodos que fizessem os alunos aprenderem a cooperar entre si e valorizar o trabalho em grupo. Obtive sucesso em algumas atividades alternativas como bandeirinha, corrida cega, batata quente da leitura e outros exercícios desse cunho educativo. No que se relaciona o trabalho com cordel, na ocasião a escola estava se preparando para um evento de mostra literária com enfoque em escritores nordestinos. Nesse caso, certamente seria utilizado a obra do Patativa do Assaré e como membro organizador do evento pedi uma breve participação para falar a respeito da literatura de cordel e seus aspectos, esse tempo foi cedido a minha pessoa. Então, palestrei por alguns minutos e declamei versos de poetas populares e alguns versos de minha autoria. Os estudantes e seus pais presentes no evento adoraram a apresentação inclusive a secretária da educação de Caucaia que no dia também estava prestigiando. Após essa cerimônia, a secretária veio falar comigo parabenizando o evento e prometeu

que traria uma oficina de cordel para escola com um escritor. No momento, eu não botei muita fé, mas agradei a sua gentileza. Uma semana depois a diretora da escola veio falar comigo avisando que a escola foi contemplada com uma visita do poeta Rouxinol do Rinaré que ministraria uma oficina para os estudantes interessados em participar e que ela queria minha participação na organização. Nesse instante, fiquei bastante feliz e aceitei, obviamente, fazer parte da equipe.

Em relação a oficina de cordel com o poeta Rouxinol do Rinaré, após receber a notícia que viria um poeta ministrar um minicurso sobre composição e confecção de cordel os estudantes da escola Estevam Ferreira da Rocha ficaram bastante animados. A oficina iria ocorrer em um único dia com a presença do poeta e ao longo da semana os participantes deveriam entregar seus versos para serem colocados nas paredes da escola. No dia em questão, quando o poeta veio, a sua recepção foi bem calorosa como se ele fosse algum famoso e, realmente, a vinda de um escritor para uma escola do interior de Caucaia era algo bem inusitado. Recordo-me da sala dos professores está com um divino banquete para o poeta e sua equipe e logo após o café da manhã ele foi recebido para uma sessão de autógrafos na sala onde iria ministrar a oficina. No que se trata a oficina, ocorreu tudo muito bem desde a interação dos estudantes com o poeta até a confecções dos trabalhos finais. Em suma, o poeta explicou a origem e os aspectos da literatura de cordel e no final os participantes envolvidos no evento escreveram versos que foram utilizados para decorar o ambiente da escola.

Diante todos os fatos apresentados, podemos concordar que meu caminho pela educação estava sendo trilhado, além do mais, alinhado ao percurso de poeta. Nesse sentido, percebo revivendo essas memórias que ocorreram situações que me levaram a decidir seguir nessa carreira do ensino e aprendizagem. É importante salientar, que durante todo esse período eu também estava me preparando novamente para o ENEM, porém desta vez já tinha em mente qual caminho gostaria de enfrentar.

Analisando o mesmo período, porém por outra perspectiva a do Kaio César estudante em preparação para a aprovação no exame mais concorrido do Brasil. Bem, nessa visão eu lembro que estava cursando no período da noite o pré-vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Nesse cursinho, havia aulas na parte da noite e aos sábados pela manhã com a metodologia orientada para o ENEM. Ou seja, eram mais resoluções de questões ao invés da explicação em si sobre o conteúdo que estava sendo trabalhado. Foi nesse momento que me deparei com essa metodologia mais extensiva focada apenas na aprovação em si do estudante e o seu resultado do que na compreensão

da matéria. Confesso que o método foi funcional para a minha pessoa. No entanto, olhando pela visão atual como pesquisador em educação. A metodologia de memorização e repetição deixa a desejar quando se relaciona com o senso crítico do estudante e sua capacidade de resolver problemas (BRUNER, 1998). Em um panorama geral, minha vida se dividia em trabalhar no projeto Mais Educação e estudar a noite para conseguir a aprovação no ENEM.

Atualmente, como educador, pesquisador e poeta em formação, percebo aoreviver minhas lembranças que as vivências artísticas agregam valor e sensibilidade ao mundo transformando e libertando quem pratica ou recebe tal ato. O cordel, enquanto narrativa tradicional, carrega através de suas gerações a proximidade e vínculo com a educação seja na parte do letramento ou até na criticidade de seus enredos cômicos que muitas das vezes trazem um protesto político nas suas entrelinhas. Por fim, a leitura se caracteriza como um ato revolucionário que extrapola os muros das escolas. Ler não é só decodificar palavras e compreender a informação que um texto busca passar, não é só entender a relação de letras, sílabas, palavras, frases. Ler é interpretar o mundo e suas informações, é perceber com criticidade e sensibilidade o universo que nos cerca, é pertencer ao ambiente e conhecer quem somos. Portanto, é lendo o mundo que entendemos qual é o nosso papel dentro dele e é por intermédio da leitura que construímos consolidamos ideais acumulando o conhecimento. Somos histórias narradas, somos culturas contadas, somos enredos escritos, somos poetas declamando versos, somos um povo gritando palavras de ordem, somos a perpetuação das vozes dos nossos ancestrais.

4 CORDEL, ALÉM DO PAPEL

*“Mandacaru quando fulora na seca
É um sinal que a chuva caiu no sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal de que o amor já chegou no coração”
(Zé Dantas e Luiz Gonzaga)*

A Literatura de Cordel veio da Península Ibérica trazida pelos colonizadores, tornou-se uma das grandes riquezas culturais do povo brasileiro, principalmente do nordestino. O Cordel é classificado como literatura popular impressa e nas primeiras décadas do século passado, contribuiu muito para o letramento do povo dessa região. (BARBOSA et al, 2011). No Brasil, o cordel aparece como sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte do conjunto de

narrativas em versos conhecido por literatura de cordel. Os cordéis portugueses eram escritos e lidos por pessoas que faziam parte das camadas médias da população lusitana, por exemplo, médicos, professores, padres, advogados, funcionários públicos, dentre outros. Em várias situações, eram comprados por uma pessoa letrada e lidos para um público não letrado, aspecto esse que se reproduz aqui no Brasil, sendo os cordéis consumidos de maneira coletiva (HELDER; LÚCIO, 2001).

O cordel, conforme sua evolução, tem seu berço na oralidade através das cantorias de viola. Logo após, ganha o papel juntamente com aspectos artísticos relacionados com a xilogravura devido aquele tempo não existir impressora, esse era o método utilizado para sua confecção (FERREIRA DA SILVA, 2012). Atualmente, está difundido em várias plataformas digitais mantendo seus traços essenciais como rima, métrica e oração. Com isso, essa poesia ganhou espaço em vários lares brasileiros, especialmente nordestinos. Por conta disso, não foi diferente no meu lar e nos ambientes familiares que eu frequentava.

Quando criança eu assistia bastante desenho na televisão e isso me influenciava a querer ser igual os heróis que passavam na TV. Então, por muito tempo minha identidade regional era, ainda é de certo modo, sucumbida pela programação de grande massa colocando em evidência outros tipos de cultura. No entanto, a relação estabelecida com o cordel não se abalou pelos meios de comunicação em massa e por advento das redes sociais e outros canais de entretenimento busquei maneiras de me conectar ainda mais com essa forma de poesia. Costumo dizer que todo mundo é poeta, pois não tem um ser humano, principalmente nordestino, que não tenha um verso decorado. Essa conexão, está no cerne da cultura como um todo e é fácil perceber a relação que a literatura de cordel tem com outras linguagens artísticas e educativas do nosso dia a dia. Nesse caso, percebem-se os aspectos do cordel numa música de Luiz Gonzaga ¹ por exemplo ou na inspiração e produção de uma peça teatral como o auto da compadecida escrita por Ariano Suassuna ² que como ele mesmo diz em entrevistas a sua fonte de inspiração foi a literatura de cordel. Ou seja, é inegável a participação do folheto na construção de grandes obras e

¹ Algumas músicas de Luiz Gonzaga como “o xote das meninas” e “A morte do vaqueiro” seguem o padrão da Literatura de Cordel.

² Ariano se inspirou em três cordéis para compor sua obra prima são eles: *O Dinheiro ou O Testamento do Cachorro* de Leandro Gomes de Barros. O segundo ato da peça é baseado no cordel *História do Cavalo que Defecava Dinheiro*, também de Leandro Gomes de Barros. E o último ato inspira-se em *O Castigo da Soberba*, do cantador Silvino Pirauá de Lima.

caráteres, portanto, nem sempre a escola, enquanto espaço físico, vai ser responsável por disseminar a cultura dessa literatura embora tenha papel fundamental nesse sentido.

Sob essa perspectiva, o reconhecimento que tenho sobre o ambiente que eu faço parte é que a cultura popular na qual estou inserido possui relação sobre o educador que venho me transformando. Portanto, esse olhar sensível que possuo atualmente tanto para a cultura nordestina como para a educação, muito se deve aos conhecimentos populares e tradicionais que me cercaram e foram repassados, por consequência, o vínculo estabelecido com essa cultura fez eu criar apreço me convidando a cativar a necessidade de pertencer a ela e fazer parte dela. Com esse laço firmado e a compreensão que sou parte da construção dessa cultura também veio a etapa de se tornar inspiração no meio dos poetas que compõem essa tradição.

Ao me deparar com as lembranças do meu passado, revivo momentos marcantes que tocam uma parte sensível do meu ser, esses instantes são singelos, porém, bastantes valiosos, pois trazem uma sensação de abraço e acalento reconfortando minha alma trazendo recordações de pessoas queridas em um ambiente aconchegante, como a mangueira no quintal da casa dos meus pais, o alpendre da minha vó Nicinha onde numa cadeira de balanço a família se reúne pra contar histórias e a cozinha do meu avô Antônio Chicute que sempre depois do almoço diz um verso de cordel e narra enredos de aventura e assombração. São memórias que pretendo nunca esquecer, pois foi escutando esses causos que conheci várias lendas do nosso folclore, apesar de ser considerado mito essas narrações são saberes que perpetuam o tempo e as gerações e as realidades de muitas pessoas, principalmente pessoas que moram mais afastadas dos centros urbanos.

Essas narrativas apresentadas pelos meus antepassados, fizeram eu aprender sobre o nosso folclore e conhecer seres místicos e lendários que moravam nas matas da Caucaia. Passei pelos contos clássicos de lobisomens, caipora, curupira até as lendas mais peculiares dos locais onde me criei como a cobra que defendia um castelo de ouro no meio da Lagoa do Banana³ e a botija de ouro enterrada em alguma parte da serra da Santa Rosa⁴. Todas essas narrações alimentavam a minha imaginação, fazendo uma mistura entre medo e encantamento trago na mente lembranças de quando vovô sentado na cadeira e começava a contar os cordéis que trazia na cabeça, meus olhos brilhavam em cada verso da história acompanhando atentamente cada estrofe. Essas situações foram combustíveis para os meus sonhos e imaginações, pois a partir das suas narrações eu criava todo o

³ Bairro localizado no município de Caucaia que pertence ao estado do Ceará.

⁴ Bairro localizado no município de Caucaia que pertence ao estado do Ceará.

cenário da história na minha cabeça e viajava por ele e é incrível pensar que esses cordéis passaram da vivência do meu avô quando criança ouvindo os mesmos versos atentamente contados pelo seu pai ou outro parente e quem sabe se propaguem comigo narrando os para outros membros da família mais jovens que eu.

Para os não cientistas o valor de um conhecimento e sua autoridade residem na experiência acumulada de quem fala. O cacique, o xamã, o pajé, o lavrador, a benzedeira, o raizeiro, a doceira, a quitandeira, a parteira etc. têm na sua experiência o lugar de autoridade, ao qual sempre recorrem. Mesmo quando são confrontados com situações inusitadas ou que fogem daquilo a que estão acostumados, recorrem às suas referências: outro mais velho e mais experiente (LIMA et al, 2015).

O ato de contar e narrar histórias faz parte da nossa tradição consistindo, em grande parte, na relação de passar o que se sabe para o ouvinte interessado em aprender, seja por meio de conselhos, ensinamentos morais ou um conjunto de regras ou normas de como conviver em comunidade, saberes resultantes das experiências passadas através das gerações (BENJAMIM, 1994). Isto é, nota-se a evidência que a literatura de cordel está intrinsecamente relacionada com a educação uma vez que as suas narrativas além de trazerem uma história que descontraí e entrete também elucida e ensina práticas morais dentro dos seus enredos. Nesse sentido, temos como exemplo *As Proezas de João Grilo* escrito por João Ferreira de Lima ⁵ 2006, nesse cordel a sabedoria do personagem principal é evidenciada e mesmo vindo de um estado de pobreza extrema ele consegue criar oportunidades na sua vida que o levam para um lugar de sucesso, porém sua esperteza está entrelaçada com a atitude de enganar os outros e por conta disso acaba perdendo tudo. Podemos perceber nesse resumo que a moral da história está relacionada com o fato de não enganar os outros, pois isso trará malefícios para você mesmo.

O conhecimento não é algo fixo, portanto, sabemos que a ciência muda de opinião o tempo todo, claro que com argumentos plausíveis que possam refutar uma teoria. As histórias passadas por meio da oralidade não carregam responsabilidade com a verdade em comparação ao saber científico, embora muitos cordéis tratam de assuntos do dia a dia trazendo um pouco de verossimilhança com a realidade. No entanto, esse conhecimento foi construído ao longo das gerações por meios empíricos e conforme se perpetua o cordel foi se propagando também saberes tradicionais através de observações

⁵ Reconhecido como autor do cordel *As Proezas de João Grilo*. Esse reconhecimento só veio através de estudos mais recentes, pois João Martins de Athaydes havia comprado os títulos de cordéis do autor e após sua morte retirou a autoria do mesmo. O cordel data, aproximadamente, de 1951.

empíricas. Temos a exemplo as parteiras que mesmo sem terem um estudo técnico científico a respeito do parto conseguem e são totalmente capazes de realizar tal feito. É incrível compreender que toda essa sabedoria veio a partir da oralidade juntamente com um pouco de prática e observação. Sendo assim uma herança cultural dos seus antepassados, pois mesmo sem ter um letramento carrega consigo a reza forte, seus chás e lambedores mostrando que não apenas a fé, mas também o conhecimento empírico pautado numa medicina natural pode nos ensinar a curar.

Como o conhecimento é produzido a partir de uma relação social, o saber popular, no âmbito das relações que se tecem entre sujeitos sociais no cotidiano, pode contribuir para a construção de outros saberes, entre quais, o científico. Por isso se constitui um conceito epistêmico central para discussão no campo da etnometodologia, já que é uma ação relacionada ao individual e ao coletivo. (ARAÚJO, 2007)

Sobre esse viés da oralidade, é necessário falar sobre as variações de sotaque que temos no nosso país. Sendo o Brasil um país de expressão continental é normal que existam dialetos e maneiras de falar diferentes, talvez tentando expressar a “mesma coisa”. O sotaque nordestino é alvo constantemente de ataques preconceituosos e sofre discriminação constantemente. Isso muito se relaciona com a concentração da mídia em polos industriais presentes no sul e sudeste da nossa nação. De todo modo, essa pluralidade de falas, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história (LEITE & CALLOU, 2002, p. 57). Ou seja, essa variação linguística dentro também apenas da própria região do nordeste é muito atribuída por meio do processo de colonização que ocorreu de diferentes maneiras e por distintos povos em cada Estado. Possuímos em nossas origens não só heranças europeias, como também heranças africanas e principalmente indígenas.

Também no tocante ao papel que o cordel assumiu no âmbito da formação de leitores, em muito contribuiu o modelo de sociedade aqui desenvolvido. Pois, como se sabe, o Brasil, em especial a região Nordeste, apresentou uma peculiaridade na sua ocupação territorial, a partir da colonização portuguesa: esse processo de colonização caracterizou-se como exportador de matérias-primas, como couro, produtos vegetais, açúcar e minérios; em contrapartida, observou-se a importação de produtos manufaturados de primeira necessidade, tais como roupas, utensílios e mesmo alguns alimentos como farinha de trigo, pimenta e outros (NEVES, 2018, P. 53).

Eu sempre escutei vocabulários diferentes para tentar expressar uma mesma ideia, seja uma fala de uma pessoa mais adulta ou de alguém mais jovem. Rememoro uma situação que me ocorreu que guardo até hoje, eu estava conversando com alguns amigos esperando um jogo de futebol acabar, amigos do convívio social escolar localizado no centro da cidade de Caucaia, quando eu lanço a seguinte palavra “antonte” uma junção das palavras antes de ontem muito comumente utilizada no interior por agricultores, logo após eu falar essa palavra todos riram da minha cara e me corrigiram dizendo que o certo era antes de ontem. No momento que fui corrigido, fiquei meio sem graça, mas entrei na onda da brincadeira, entretanto, mal sabia eu que aquilo estava me doendo. Analisando essa situação por fora, percebo que as falas das minorias ainda são muito ridicularizadas e acredito que a poesia de Patativa do Assaré fez eu compreender que mesmo desrespeitados precisamos falar. Dessa maneira, por muito tempo a literatura de cordel foi colocada como uma poesia menor por trazer termos que dialogam com a realidade popular, portanto, escritores letrados diziam que esses versos eram simples de se fazer e não deveriam ser considerados como uma obra de valor. No entanto, o grau de complexidade de uma simples estrofe de cordel é de se encabular qualquer um. O mais impressionante é que são versos singelos mesmo se tratando do linguajar matuto e da leitura de mundo observada pelos camponeses (os principais autores de cordéis são humildes agricultores). Conforme o poeta contemporâneo Bráulio Bessa (2017) o povo do interior pode até ser um povo matuto, mas besta num é não.

Nessa perspectiva há diferentes falas e é preciso compreender isso no processo de ensino e aprendizagem. Nesse meu processo de formação, percebi, por ter contato com um ensino mais rural e também uma realidade mais urbana, que os problemas sociais afetam ambas as populações tanto a má distribuição de renda quanto a evasão escolar provocada por pobreza e, portanto, o aluno tem que trabalhar para ajudar em casa ao invés de estudar como realmente deveria. Ao meu ver, existe cultura e certos aspectos que são distintos, pois há falas das cidades que não contemplam os apelos dos homens do campo, porém o campo provem e alimentam as grandes cidades, pois para ocorrer a capital Fortaleza tem de haver o sertão do Cariri provendo alimentos tanto no aspecto fisiológico quanto cultural. Por isso, existem versos de Patativa irritados com o deboche ocasionado pelos moradores da cidade que sequer conhecem a realidade do homem do campo. Como por exemplo a estrofe a seguir retirada do seu livro cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.

*“Poeta, cantô da rua,
 Que na cidade nasceu,
 Cante a cidade que é sua,
 Que eu canto o sertão que é meu.
 Se aí você teve estudo,
 Aqui, Deus me ensinou tudo,
 Sem de livro precisa
 Por favô, não mêxa aqui,
 Que eu também não mexo aí,
 Cante lá, que eu canto cá.”
 (ASSARÉ, 1978, p. 25)*

A simplicidade descrita pelo poeta popular demonstra como a narrativa oral, mais especificamente através de versos de cordel, perpassa as gerações de maneira fluida e se faz entender no imaginário dos ouvintes. Obviamente, esses versos representam a indignação de um povo que mora em uma região que é constantemente desvalorizada pelo resto do país sendo que a base da alimentação regional é oriunda de espaços como esse. Sendo assim, é possível perceber que a fala e a escrita são bem próximas das realidades de quem fala ou escreve e isso torna representada a identidade de um determinado povo. Isto é, quem narra sua própria história conta os seus sofrimentos e suas conquistas, dessa forma, podemos observar e compreender certos aspectos relacionados ao narrador. Com isso, a importância das narrativas não está apenas na passagem do conhecimento para as gerações subsequentes, mas também na autoafirmação enquanto pessoa e na valorização de sua própria identidade e representação social.

Pois bem, a literatura popular mostra sua influência no que diz respeito às outras áreas da arte e da cultura de maneira geral. Sobre esse ponto, eu venho observando desde a minha infância a relação que o cordel tem com outras artes. A evolução do cordel veio a partir das cantorias de viola como já foi colocado, então esse vínculo com a música não foi desfeito, portanto, observamos várias canções que se apoiam no ritmo de cordel cujo aspecto técnico correto seria chamar de redondilha maior onde as sílabas poéticas presentes em cada verso deve ser igual a sete. Ou seja, em uma linha da estrofe de um cordel as palavras tem que conter exatamente sete sílabas poéticas. Essa característica confere a essa poesia uma cadência musical o que agrega uma melodia na declamação dos seus versos fazendo com que eles possam até ser musicalizados. A partir disso, muitas músicas se apoiam no ritmo de cordel escrevendo seus enredos e acrescentando alguns instrumentos.

Outro ponto interessante está relacionado com a dramaturgia, de modo geral o teatro, o cinema e as novelas possuem um caráter narrativo. Desse modo, a literatura de cordel também é explorada como recurso inspirador em obras desse tipo. É bastante perceptível, quando olhamos no nosso entorno, a influência do cordel no nosso dia a dia seja em aspectos artísticos ou educacionais. Eu comecei a perceber essa relação a partir do momento que dediquei meus estudos na literatura de cordel. Como já foi mencionado, meu despertar poético ocorreu no ensino médio ao me deparar com a obra do poeta Patativa do Assaré de lá pra cá me concentrei em saber mais a respeito dessa literatura popular e tão rica. Conforme meus estudos e aprofundamentos, fui conhecendo gente que trabalhava com isso também fui fazendo oficinas e minicursos a respeito da confecção e elaboração do cordel. Com isso, não demorou muito para que eu começasse a fazer alguns trabalhos. Trazendo de volta o assunto das dramaturgias, a expressão corporal é muito utilizada pelos declamadores de versos no qual eu já vi se apresentarem, inclusive alguns textos se apropriam disso para reproduzir na própria ação o ponto auge da declamação. Então, além da escrita e da oralidade a linguagem corporal é também muito utilizada no quesito de apresentação da poesia popular, pois na minha análise como espectador e também compositor essa linguagem produz mais efeito e convida o espectador a embarcar na imaginação.

É muito comum ocorrer mistura de campos artísticos, ao longo do meu percurso observei que o cordel vem se modificando e ganhando novas características. Se formos falarmos de cordel tradicional, ele deve conter trinta e duas estrofes, normalmente no modelo de sextilha (estrofes com seis versos), a capa deve ter uma xilogravura, o seu enredo deve apresentar uma narrativa com sentido, ou seja, falando coisa com coisa algo que tenha começo, meio e fim, deverá conter versos brancos e versos que rimam e apresentar a métrica de sete sílabas poéticas por verso. No entanto, esse estilo está mais evidenciado no começo dessa literatura ao longo do tempo foi se modificando algumas características, a essência permanece a mesma, porém alguns atributos novos surgiram, por exemplo, a questão da xilogravura foi muito utilizada devido não existir máquinas de impressão com o advento de tal tecnologia os poetas começaram a imprimir seus cordéis e as capas passaram a ganhar um aspecto mais colorido. Outra mudança interessante, consta que seus enredos, de maneira geral, sempre ocorriam no interior do nordeste, mas alguns poetas começaram a migrar e descrever outros cenários e, além disso, com a chegada da televisão foram criando roteiros ainda mais ousado baseado em filmes e reportagens como a chegada do homem na lua, guerras mundiais, faroeste e viagens no

tempo. Enfim, eu guardo cordéis originais que carregam o aspecto mais tradicional, porém também tenho uma coleção de livros coloridos ou até mesmo histórias em quadrinhos que trazem a pegada da literatura de cordel. Inclusive, muitas histórias infantis como a branca de neve, chapeuzinho vermelho dentre outras foram incrementadas as características do cordel e vendidas por algumas editoras. Eu acredito e sou adepto que essa evolução do cordel foi para atender as exigências do mercado comercial, porque querendo ou não o capitalismo se apropria da arte para gerar lucro e renda e o próprio início dessa literatura foi pensando em uma forma de se ganhar dinheiro.

No que se diz respeito à educação, está muito evidente que o cordel caminha de mãos dadas com o ensino e no meu trajeto de formação pude analisar que sua utilização é muito bem-vinda. Essa literatura popular traz aspectos das narrativas do cotidiano pelo olhar do poeta e cidadão da comunidade. Ou seja, as vivências de mundo serão postas nos versos e esse jeito simples de se comunicar em forma de poesia desperta um interesse e afeto pelo conteúdo que pode ser trabalhado. É de suma importância compreender a utilização do cordel em sala de aula, o professor deve conduzir a aula extraindo o que lhe é interessante para seu conteúdo, contundo percebendo o posicionamento do poeta diante a história narrada.

A literatura de cordel, ao longo da sua história e evolução, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Mais recentemente, pode ser apontada no cordel uma característica de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade (HELDER; LÚCIO, 2015). Podemos observar o apelo social em um triste poema de Patativa do Assaré intitulado *A morte de Nanã*, veja alguns trechos desse poema.

*Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô do meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida*

*Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba deste chão,*

*Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma quirida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.*

*Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua isistença,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.*

*Eu bejava, com prazer,
 Todo dia, demenhã,
 Sua face pura e bela.
 Era Ana o nome dela,
 Mas, eu chamava Nanã[...]*

*[...]Mas, neste mundo de Cristo,
 Pobre não pode gozá.
 Eu, quando me lembro disto,
 Dá vontade de chorá.
 Quando há seca no sertão,
 Ao pobre farta feijão,
 Farinha, mio e arrôis.
 Foi isso o que aconteceu:
 A minha fia morreu,
 Na seca de trinta e dois.*

*Vendo que não tinha inverno,
 O meu patrão, um tirano,
 Sem temê Deus nem o inferno,
 Me dexou no desengano,
 Sem nada mais me arranjà.
 Teve que se alimentá
 Minha querida Nanã,
 No mais penoso matrato,
 Comendo caça do mato
 E goma de mucunã.[..]*

*[...]Nanã foi, naquele dia,
 A Jesus mostrá seu riso*

*E omentá mais a quantia
 Dos anjo do Paraíso.
 Na minha maginação,
 Caço e não acho expressão
 Pra dizê como é que fico.
 Pensando naquele adeus
 E a curpa não é de Deus,
 A curpa é dos home rico.*

*Morreu no maió matrato
 Meu amô lindo e mimoso.
 Meu patrão, aquele ingrato,
 Foi o maió criminoso,
 Foi o maió assarsino.
 O meu anjo pequenino
 Foi sacudido no fundo
 Do mais pobre cimitero
 E eu hoje me considero
 O mais pobre deste mundo.*

*Soluçando, pensativo,
 Sem consolo e sem assunto,
 Eu sinto que inda tou vivo,
 Mas meu jeito é de defunto.
 Invorvido na tristeza,
 No meu rancho de pobreza,
 Toda vez que eu vou rezá,
 Com meus juêio no chão,
 Peço em minhas oração:
 Nanã, venha me buscá!
 (ASSARÉ, 1978)*

Percebemos nesses trechos retirados do livro *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, a denúncia exposta nos versos do poeta quando com tristeza relata a perda de uma filha por falta de alimento, dessa narrativa é possível analisar o fator climático apresentado pelo poeta quando ele menciona o período seco no sertão e as dificuldades enfrentadas nesse momento, além disso, é colocado no enredo o desdém do patrão que engana seu trabalhador (provavelmente por não pagar suas contas) e deixa-o à mercê do destino incerto com uma filha pequena para alimentar (DO ASSARÉ, 1978).

Diante do cenário multifacetado que o mundo social apresenta, os sujeitos sociais são, em suas experiências comuns e cotidianas, primordiais para análises que perpassam o campo da etnometodologia, que oferece os elementos necessários para compreensão das práticas culturais, das maneiras de fazer, das ações de todos os dias, dos comportamentos, modos de vida, enfim, de como os sujeitos sociais se organizam no contexto de suas atividades cotidianas. Noutras palavras, as complexidades de todas as atividades diárias se materializaram no campo cultural, constituindo aspectos basilares que se

configuram e que ganham evidências na análise etnometodológica, cujos pressupostos visam auxiliar na compreensão do saber popular. (ARAÚJO, 2007 p. 54)

Analiso o cordel como poesia popular, ou seja, que tem como sócios colaboradores a própria população, a grande massa. Esse conhecimento vem sendo passado através das gerações e é um saber que não é transferido, mas sim construído. Isto é, o cordel não foi algo criado com uma forma e passado adianta desse jeito, mas sim, como a gente pode entender através das informações que trago até aqui, evoluindo a partir de um princípio norteador. Ao longo desse meu levantamento e pesquisa de informações, percebo que o cordel enquanto cultura imaterial altera-se conforme as alterações ocasionadas no meio de produção que ele está inserido. Isso dialoga bastante com o meio educacional, pois no processo de formação quem forma também se forma enquanto reforma-se e quem está sendo formado pode vir a formar e reformar quem está formando (FREIRE, 2014).

Na educação, o cordel vem sendo trabalhado em vários momentos, eu prestigiei o projeto nas ondas da leitura enquanto trabalhava como monitor do Mais Educação. Nesse projeto, eram trabalhados livros para ajudar no processo de alfabetização das crianças. No caso, os livros utilizados eram mais relacionados com fábulas e narrações infantis sem muito vocabulário. Isso é determinado por uma série de fatores, pois o projeto já vem predeterminado pela secretária de educação do município. Sobre essa óptica, os projetos apresentados foram bastante interessantes e auxiliaram realmente no processo de alfabetização, porém acredito que poderiam estar mais próximos da realidade das crianças de Caucaia ter um livro falando sobre as lendas da região, obviamente isso é o projeto bem ambicioso, mas nada impossível. Nesse sentido, a formulação de um livro é algo complexo e demorado, já a confecção de cordéis é algo mais acessível e prático, por isso existe a maior proximidade dessa literatura com a população.

A literatura de cordel, desde 2018, é reconhecida pelo Conselho Consultivo como patrimônio cultural brasileiro; todavia, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) esse gênero da literatura pouco aparece; problematizamos essa questão por meio de uma análise documental em que o termo cordel (cordéis), aparece apenas oito vezes na BNCC, de forma a contribuir para que o estudante atenda apenas um objetivo proposto por um descritor, como recitar ou identificar informações explícitas nessa produção poética; isso torna o trabalho do gênero em questão um tanto mecanizado, contribuindo para pouca exploração desse recurso literário nas aulas de Língua Portuguesa (SILVA, 2022).

A pluralidade do Brasil, ao contrário do caminho escolhido pelo governo ao insistir com a BNCC, exige pluralidade de possibilidades, de oferta de trajeto e de garantias de condições para que o processo ensino-aprendizagem ocorra. Para origens diferentes, necessidades diferentes, características sociais, culturais e econômicas diferentes, é preciso oferecer trajetórias diferentes! Tratar igualmente os desiguais é aprofundar a desigualdade! É inferiorizar alguns perante os outros. Reconhecer a necessidade de oferecer possibilidades diversas/plurais de proposta e experiência curricular a alunos diferentes/desiguais é necessário para promover a equalização social e a redução das desigualdades. (...) Quando escolhemos o que entra nos currículos, escolhemos o que sai e esta decisão é política, favorece a alguns e prejudica outros. No caso brasileiro, vem sendo tomada em prejuízo das questões sociais, da formação crítica, da cidadania, do direito que se diz estar defendendo. (OLIVEIRA, 2018, p. 57)

O reconhecimento da identidade e construção cultural é fundamental para o autoconhecimento, o meu processo de reafirmação sobre minha identidade, minhas batalhas, meus percursos e meus sonhos estão diretamente relacionados com a literatura de cordel. Eu me reconheço como nordestino graças ao menino que teve o cuidado de ouvir o saber popular através das narrativas dos meus antepassados que não deixaram suas informações gravadas em nenhum lugar, porém as suas vozes ecoam nas lembranças e memórias de quem os escutaram com atenção cada palavra que foi falada. E, nesse processo, modificou preconceitos e alterou narrativas provocando uma perpetuação corrigida ou melhorada a respeito da narrativa original. Recontar as histórias consiste em aprimorar os discursos e ajeitar as arestas, não modificando sua essência em si, mas melhorando a forma como deve ser dita.

A sala de aula é o espaço acolhedor para inspirar sonhos, esse ambiente deve ser livre de amarras e permitir que seus integrantes construam pontes ao invés de muros. Com isso, o cordel enquanto ferramenta colaborativa para o ensino ultrapassa as barreiras invisíveis da aprendizagem uma vez que sua utilização tem como princípio as particularidades do educando. Na minha trajetória, o cordel é responsável pelo apego à educação e seus textos, além da escrita, dialogam com a sensibilidade de quem lê ou escuta. Essas narrativas têm o poder transformador de dar voz e vez as pessoas menos favorecidas, suas histórias encantadas enriquecem o imaginário popular e estimulam a criatividade fazendo acreditar que tudo é possível ou duvidar do impossível. Além do papel, o cordel viaja nas canções dos violeiros, pois foi dessa forma que ele cruzou o atlântico nas caravelas lusitanas, seus versos são reproduzidos nos ditados populares, em festas de aniversários, casamentos, velórios e até em discursos políticos (HELDER; LÚCIO, 2001). O cordel vai além do papel quando o cinema utiliza como base as suas

histórias para combinar uma nova narrativa, o cordel vendido nas feiras adentrar as casas e informa as família, ele se pendura em barbantes que enfeitam as bienais pelo Brasil a fora, ele espera pacientemente se balançando numa corda esticada nas estantes de uma biblioteca, ele ganhar força na voz de um poeta destemido que grita para os ouvidos de quem deseja escutar sua declamação. O cordel forma, reforma e se forma com seus leitores divertindo-os e ensinando-os, como foi e é comigo.

A pesquisa que pode ser deflagrada a partir da narrativa da experiência não é uma construção anterior à experiência. É da experiência vivida que emergem temas e perguntas a partir dos quais se elegeem os referenciais teóricos com os quais se irá dialogar e que, por sua vez, fazem emergir as lições a serem tiradas (LIMA et al, 2015).

5 UM POEMA EM CADA GALHO E UM VERSO EM CADA FLOR

*“[...]Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima compreta
Não precisa professô
Basta vê no mês de maio
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô”
(Patativa do Assaré)*

Ao longo da minha formação pessoal tive vários momentos em que o contato com o cordel foi marcante. Recordo-me bem das narrações de meu avô Antônio Chicute, das leituras feitas por mim mesmo em cima de uma casa na árvore e algumas apresentações na escola e para a própria família. No começo eu não entendia bem o efeito do cordel na minha vida, porém me sentia bem sempre que entrava em contato com ele. Essa relação de afeto foi crescendo cada vez mais, desde ouvir as histórias narradas pelo meu vô até me apresentar em programas de TV e palcos de festivais culturais. Mas para entender melhor essa relação devo recapitular algumas questões da minha vida e fazer um apinhado geral sobre tudo que aconteceu até agora.

A natureza é o cenário mais inspirador que temos, eu como futuro biólogo adoro admirar o meio ambiente e no começo desse meu trajeto pelas trilhas da educação tive várias oportunidades que me levaram a utilizar o cordel como instrumento facilitador para a aprendizagem sobre a natureza. Desde o começo da minha história, ainda como embrião em desenvolvimento até chegar a nascer de fato, ouvia as narrativas contadas pelo meu avô e o cenário fantasioso das obras, na adolescência conheci melhor a literatura voltada

paras as denúncias sociais apontadas pelos cordelistas e na fase adulta contribuo escrevendo singelos versos que enriquecem essa cultura e colaboram com o fato de disseminar a poesia popular fazendo com que ela se perpetue ao longo das gerações.

De fato, a natureza é a grande fonte inspiradora tanto da arte quanto da ciência, pois ambas tentam explicá-la, porém por perspectivas diferentes. Enquanto a arte dialoga com o conceito mais lúdico e fantástico, a ciência busca extrair interpretações mais sólidas analisando dados e quantificando informações (FERREIRA, 2011). Entretanto, essas duas áreas também conversam entre si e se entrelaçam, pois não há nada mais poético que querer compreender o universo. Dentro dessa visão, pode-se analisar o grande artista Leonardo da Vinci e suas contribuições tanto no campo artístico quanto no científico. Suas anotações em forma de desenho a respeito da anatomia humana e outras análises.

Eu me enxergo artista antes mesmo que cientista, mas uno essas duas características na minha formação de licenciado. Enquanto educador eu tenho a tarefa de transpor de maneira didática o conhecimento científico produzido a todo instante nas universidades. Portanto, o cordel como meio artístico e facilitador nesse processo auxilia a transposição didática levando entretenimento e conhecimento. Os próprios poetas populares descrevem muito bem em seus versos fenômenos que a ciência explica de uma forma mais acadêmica. Essa relação da linguagem dificulta o acesso da grande massa ao conhecimento.

A utilização do cordel já vem sendo abordada há algum tempo na educação e seus resultados são animadores. Nessa minha trilha educacional, pude perceber alguns projetos que utilizam essa literatura. No entanto, observei que as disciplinas cujos projetos estavam associados eram sempre de cunho que envolvia as linguagens e códigos ou, raramente, as ciências humanas. Obviamente, faz mais sentido essa relação, mas isso não anula que as outras áreas do conhecimento não possam trabalhar também com esse recurso. Além do mais, esses projetos sempre envolviam algo relacionado ao apelo com a leitura usando o cordel como estimulante para a “criar o gosto” por ler.

Hoje se percebe que há cada vez mais interesse de professores, estudantes e pesquisadores de todo o Brasil pela Literatura de Cordel, em especial àqueles que têm uma ligação com as escolas públicas, mais notadamente da Região Nordeste. O cordel é considerado como um poderoso veículo de comunicação de massas, e já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, por ter sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos, constituindo assim, em muitos casos, o único tipo de leitura que a população rural teve acesso. Atualmente, o cordel tem uma maior

transitividade nas escolas devido a inúmeros projetos que propõem a leitura de folhetos como suporte para o gosto de ler. Além de servir como apoio didático às aulas, a linguagem do cordel também chegou às escolas através de realização de oficinas, exposição e feiras literárias. (CASTRO, 2016 p. 44).

A literatura de cordel na minha vida influenciou aspectos sobre a minha formação e identidade. Ao longo da minha jornada enquanto estudante passivo do ensino tradicional, eu percebi que a utilização do cordel teve um crescimento nos últimos anos. No período do meu ensino básico, poucas foram as vezes em que se tocaram nesse assunto embora eu já fizesse alguns trabalhos no meu ensino médio, mas isso muito se deu a minha teimosia e vontade de espalhar essa tradição. Enquanto me preparava para prestar novamente o ENEM dividindo os horários de estudo com o tempo no trabalho, eu estudava com o intuito de atingir uma boa nota e ingressar na universidade; em contrapartida dedicava também minhas energias para planejar aula e executar um bom trabalho na monitoria esportiva, pois estava ganhando uma bolsa do projeto Mais Educação. Nesse cenário, a escola onde eu estava tinha um ambiente bem agradável para se trabalhar e os estudos iam a todo vapor.

A minha maneira de preparação para o vestibular era baseada na resolução de exercícios, pois devido a correria não tinha tanto tempo, mas também cursava umas aulas de pré-vestibular que ocorria a noite na Universidade Federal do Ceará (UFC). Essas aulas me auxiliaram bastante, mesmo contendo um método de ensino baseado no resultado, realmente, era o meu objetivo ser aprovado. Conforme tudo que já falei, o desejo de ingressar em algum curso que envolvesse ensino veio na participação do projeto Mais Educação e toda minha vivência com o ensino que eu obtive lá. Após todo o processo e ter feito o ENEM me restava aguardar ansioso o resultado.

Mesmo na correria e focado nos estudos ainda sobrava tempo para escrever alguns versos e participar de eventos que envolvessem o cordel, porém bem mais ausente como antigamente. Esses eventos eram oficinas e espaços que discutiam a questão da cultura como um todo. Na realidade, nesse intervalo de espera do resultado do ENEM e desemprego após acabar o projeto Mais Educação eu estava à deriva esperando acontecer algo, então minha distração era ler cordéis e comentar com o povo, pois em momentos de espera escrever alguns versos e refletir sobre outros me traz tranquilidade. Quando se passou esse período e o resultado foi anunciado, fiquei bastante feliz com a minha nota, não era grande coisa, mas sabia que poderia conseguir uma vaga na federal. O momento de inscrição no PROUNI (Programa Universidade para Todos) veio, coloquei Ciências

Biológicas como primeira opção e Biomedicina na segunda. Infelizmente, não consegui entrar de primeira na UFC, passei apenas em Biomedicina na Unichristus. Resolvi tentar esse curso enquanto não abria a lista de espera para Ciências Biológicas, ainda passei uma semana cursando Biomedicina, porém quando saiu a lista de espera e vi que fui contemplado para o segundo semestre quase morro de felicidade. Na mesma hora decidi cancelar o curso de Biomedicina e tirei um semestre sabático para analisar minha vida até aquele momento.

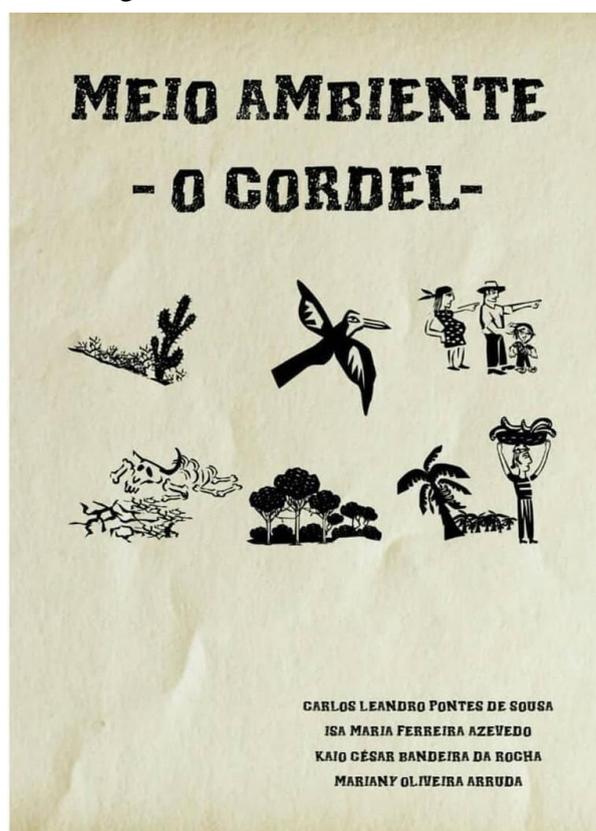
No segundo semestre do ano de 2018 eu ingressava na UFC para cursar Ciências Biológicas modalidade licenciatura plena, confesso que escolhi Biologia pela minha facilidade com a disciplina, mas a modalidade era o que mais me importava, pois gostaria de atuar como professor. Se formar como educador foi uma escolha nada fácil, pois minha mãe é pedagoga e vejo de perto a dificuldade dela com sua profissão, mas também presenciei vários momentos incríveis de respeito e valorização da sua carreira. Nesse sentido, eu apenas decidi seguir essa área quando a vivenciei no programa Mais Educação e experimentei o gostinho de atuar nesse trabalho aliando com o uso do cordel em projetos nos quais fiz parte pude perceber que a docência me encanta e me deixa feliz. Sobre isso, senti a sensação que estava no lugar certo quando aproveitei cada segundo que pude no programa Mais Educação, o carinho dos estudantes me cativou, o silêncio no momento de uma explicação, os diálogos estabelecidos, as discussões realizadas e o brilho no olho de uma criança que diz ter adorado a aula. Esses instantes, mostraram para mim que o percurso que eu devia trilhar seria o do ensino.

Na universidade as possibilidades aumentaram e o curso me mostrou que eu poderia trabalhar como professor em diversos espaços e de várias formas. No início, a rotina das aulas era bem cansativa, porém a empolgação vencida todas as dificuldades. Ocorriam aulas em tempo integral e eu passava o dia, praticamente, na UFC. Direcionando a minha experiência para o cordel, eu tive uma disciplina chamada Instrumentalização Para o Estudo de Ciências (IPEC), nessa cadeira aprendemos a fazer citações, usar referências, métodos de pesquisa, diferenciar divulgação científica de comunicação científica, dentre outras coisas. O que vale lembrar em questão, foi que o professor Raphael Alves pediu como trabalho final que formássemos um grupo e apresentássemos uma proposta de divulgação científica. Logo após o grupo ser estabelecido, ocorreram discussões sobre o que podíamos realizar, obviamente eu comentei a ideia de utilizarmos um texto de cordel e prontamente os demais integrantes

da equipe apoiaram a ideia. Nesse caso, eu fiquei com a responsabilidade de escrever o texto, outra pessoa com a arte, outra com os materiais e outra com a confecção em si.

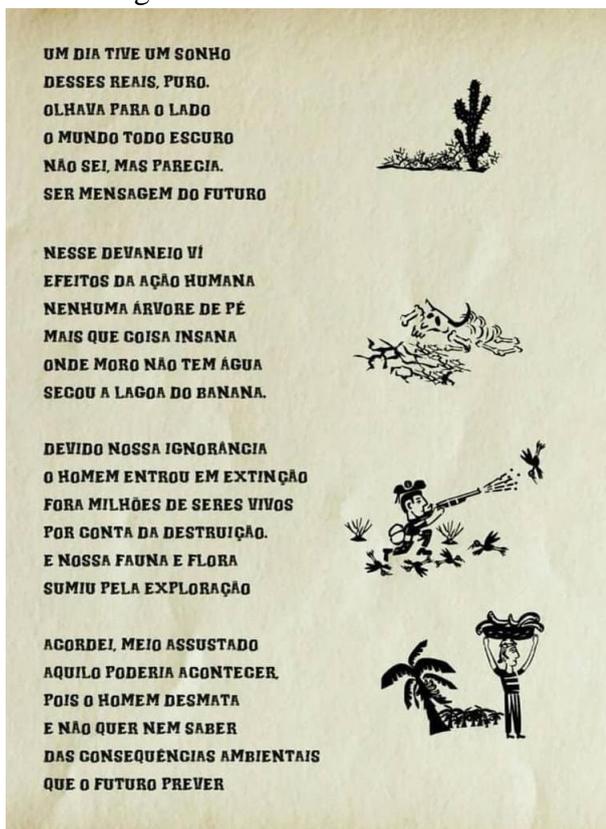
No dia da apresentação da proposta de divulgação científica, foi feito um slide e levado alguns modelos de cordéis que havíamos preparado. Com isso, foi apresentada a nossa proposta de divulgação científica como sendo o cordel e, além disso, utilizamos a rede social Instagram para dar um maior alcance e visibilidade para o cordel e o tema que tratávamos em questão. Nesse cenário, o tema era a respeito do meio ambiente e as drásticas previsões para o futuro caso a humanidade continue poluindo da forma que polui atualmente. Segue abaixo o modelo do cordel utilizado com algumas estrofes.

Imagem 01 – Cordel Meio Ambiente



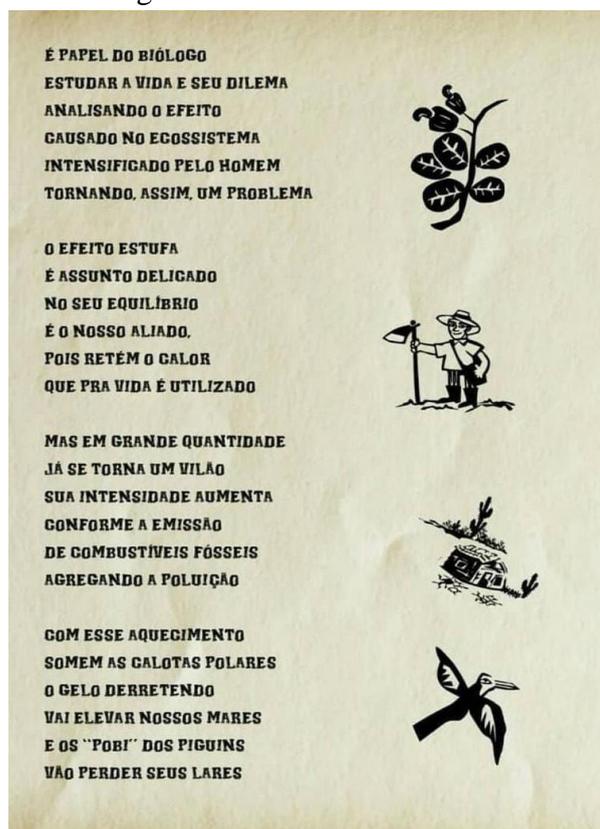
Fonte: Arquivos do Autor, 20 de Novembro de 2018

Imagem 02 – Cordel Meio Ambiente



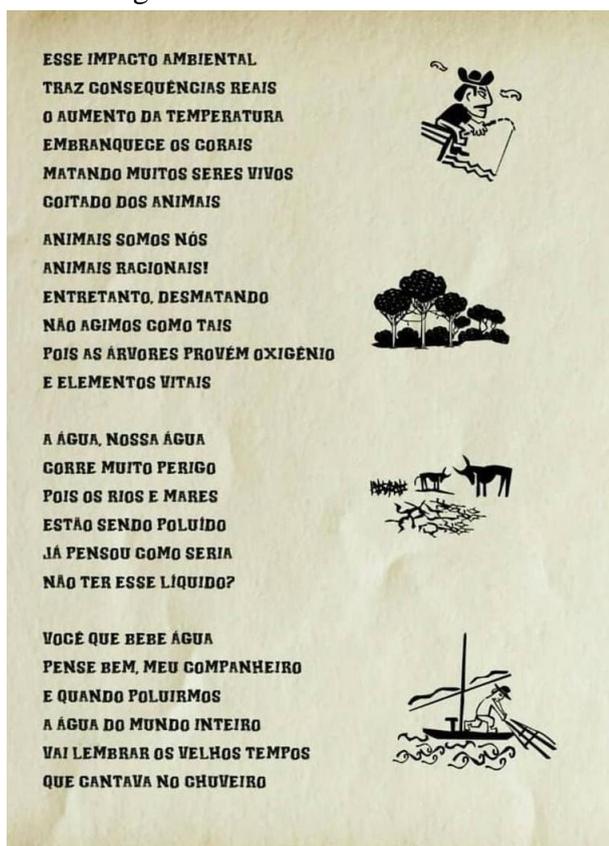
Fonte: Arquivos do Autor, 20 de Novembro de 2018

Imagem 03 – Cordel Meio Ambiente



Fonte: Arquivos do Autor, 20 de Novembro de 2018

Imagem 04 – Cordel Meio Ambiente



Fonte: Arquivos do Autor, 20 de Novembro de 2018

Imagem 05 – Cordel Meio Ambiente



Fonte: Arquivos do Autor, 20 de Novembro de 2018

É importante observar nessa atividade que apesar de simples, ela entrega toda uma riqueza de comunicação seja na forma como é narrado a história, mas também do tema que se procura tratar. Além dessa divulgação online que fizemos nas redes sociais dos participantes, também teve a mídia impressa que ficou com os participantes da equipe e um modelo com o professor responsável pela disciplina. Algo interessante que gostaria de salientar nesse exercício, é a respeito da diferente forma de comunicar um assunto e falar com pessoas que não estão muito interessadas naquilo que está sendo debatido fora do universo acadêmico. Sabemos que o tema meio ambiente e todas as suas problemáticas afetam a humanidade, porém muitas pessoas não se preocupam com isso, mas quando apresentamos essa proposta que leva um texto com uma leitura de fácil compreensão, fica mais fácil transmitir para os desinteressados sobre o assunto a relevância do tema.

Em relação ao curso de Ciências Biológicas, no meu percurso de formação como educador em ensino de ciências e biologia, eu passei por várias experiências e sempre que tinha atividades que podiam ser feitas de maneira livre eu inventava de meter o cordel no meio. Dessa forma, foi realizado assim também um trabalho de Biologia do Desenvolvimento Humano. Nessa disciplina, o docente Roberto Feitosa responsável pela disciplina solicitou para que escrevêssemos nossas histórias embrionárias da forma como quiséssemos, porém devíamos elucidar os conceitos biológicos aprendidos em sala de aula. Com isso, não tive outra alternativa a não ser juntar o útil ao agradável e resolvi escrever em forma de versos essa minha história embrionária. Essa minha poesia intitulei de Como Fomos? Como Somos? Fazendo meio que um trocadilho com a palavra cromossomos e tentei ao máximo transpor o vocabulário científico para algo mais popular e de fácil compreensão, entretanto, esse tema era algo bem específico e que não era tão simples de se trabalhar os seus conceitos. Contudo, ao longo do desenvolvimento da poesia fui me atentando em enfatizar essas definições com analogias e no final senti a necessidade de colocar um glossário explicativo para que o público mais leigo a respeito desse assunto pudesse entender do que se tratava os versos. Em linhas gerais, o trabalho ficou bom, contemplando a proposta sugerida pelo professor e seguindo uma linha cômica e divertida por conta da caracterização da poesia, confesso que foi uma tarefa mais difícil, muito por conta da complexidade do tema, mas que após terminar o trabalho senti que a literatura popular definitivamente pode estar em qualquer lugar e me lembrei do meu despertar poético quando li Patativa, pois realmente estava seguindo os passos do poeta colocando essa arte no meu dia a dia e percebendo cada detalhe da vida que pode virar

poesia, até a minha própria formação embrionária. Confira esse meu trabalho e deguste cada verso. Logo após irei comentar sobre.

Imagem 06 – Cordel Como fomos? Como Somos?

Literatura de Cordel



Fonte: Acervo do Autor, 26 de Dezembro de 2019

*“No princípio era o verbo”
Antes disso a semente
Duas metades separadas
Quando juntas, descendente.
Estória do meu ser
Se você quer entender
Continue, vá em frente.*

*Se você ainda tá aqui
É porque continuou lendo
Te prendi a atenção
Nesse verso estupendo
Enquanto ler essa frase
Eu avanço mais uma fase
Continuo desenvolvendo.*

*O processo biológico
É assunto intrigante
No ano, noventa e sete
Minha mãe ficou gestante
No olho carrega o brilho
Do seu primeiro filho
Um relato emocionante
-1-*

*Para o leitor entender
Eu preciso explicar
Que a vida é dura
E temos que lutar
Essa é a verdade
Desde que era metade
Tentando fecundar.*

*Metade de mim estava
Na gônada masculina
A outra metade ficava
Na gônada feminina
Começa uma competição
Eu entre um milhão
Ganhar era minha sina.*

*Meu pai deu a largada
Arranquei em disparado
Era um espermatozoide
O melhor, bem preparado,
Pois meu flagelo batia
Em perfeita harmonia
Como míssil teleguiado.
-2-*

*Minhas mitocôndrias
Carregadas de energia
O complexo acrossômico
A mais bela poesia
Não quero me “gabar”,
Mas o primeiro a chegar
Seria eu! Quem diria?*

*Minha outra metade
Esperava precavida
Seria ela o prêmio
Para o vencedor da corrida
Maduro naquele instante
Um ovócito elegante
Célula bem desenvolvida.*

*O grande encontro
É o momento esperado
Com as duas metades
Estando lado a lado
Um contato acrossomal
Num processo natural
O óvulo é fecundado.
-3-*

*Mesclo os pro-núcleos
E, assim, viro “oto”
Ganho cromossomo Y
DNA de um garoto
Com essa situação
Tenho a denominação
Conhecida por zigoto.*

*Em seguida acontece
Uma intensa divisão
Clivagem é considerada
Essa nova situação
Sendo meio afoito
Dois, quatro, oito
Segue a multiplicação.*

*No estágio de mórula
Ocorre muita divisão
Não aumento de tamanho
Diminuo a proporção
Sempre me dividindo,
Mas nunca diminuindo
Até a compactação.
-4-*

*A blástula é o processo
Que ocorre em seguida
Uma delimitação interna
Nessa fase, é surgida
Células forma a cavidade
Dando continuidade
A formação da vida.*

*Logo após, três folhetos
São estabelecidos
Gástrula é toda a fase
Que eventos são surgidos
Nessa você concorda
Aparece a notocorda
Com a origem dos tecidos.*

*Não menos importante
Talvez o mais especial
A fase de nêurula
Com meu tubo neural
Nessa fico ansioso,
Pois o sistema nervoso
É uma estrutura essencial.
-5-*

*Na quarta semana
Após a fecundação
Já é possível sentir
Bater o meu coração
Com o sangue à circular
Indo de lá para cá
Continuando a gestação.*

*No dia quarenta e dois
Ainda sou embriãozinho
Apareceram os olhos
Pareço cavalo-marinho
Tem essa semelhança,
Mas um dia serei a criança
Que a mãe dará carinho.*

*Na oitava semana
Grande é a euforia
Células se especializando
A genitália se diferencia,
Cujo grande momento
É esse investimento
Para perpetuar mais cria.
-6-*

*Na décima semana
Tenho perfil humano
No decorrer do tempo
Vou-me acostumando
Até chegar o momento
O dia do meu nascimento
Que todos estão esperando.*

*Essa é minha estória
De progresso embrionário
Junta a célula do epidídimo
Com a outra do ovário
Com DNA dos meus pais
Que são meus ancestrais
No processo hereditário.*

*A vida é um diamante
Precioso e muito raro
Pagamos um preço caro
Seguindo sempre adiante
No compasso inconstante
Desse relógio bagunçado
O tempo passa exagerado
Para trás deixa o momento
Com esse desenvolvimento*

Que está sendo lapidado.

-7-

Glossário

Blástula: É este o estado em que o embrião humano se fixa à parede uterina.
Clivagem: Série de divisões iniciais mitóticas de um zigoto.
Complexo acrossômico: Vesícula repleta de enzimas digestivas localizada na cabeça do espermatozoide.
Contato acrossomal: Reação preponderante para ocorrer à fertilização. Contato entre o esperma e o óvulo.
Cromossomo Y: Responsável pela determinação do sexo masculino.
Epidídimo: Ducto que coleta e armazena espermatozoides.
Gástrula: Fase da formação dos três folhetos.
Gônada: Designação das glândulas sexuais.
Mitocôndria: Organela responsável pela produção de energia para a célula.
Mórula: Em humanos, corresponde aos três ou quatro primeiros dias após a fertilização.
Nêurula: Fase do surgimento do sistema nervoso.
Notocorda: Eixo de sustentação do corpo na fase embrionária.
Ovário: Responsável pela produção e armazenamento de células sexuais femininas.
Pro-núcleos: Núcleo de um espermatozoide ou óvulo durante o processo de fecundação.
Tubo Neural: É a estrutura embrionária que dará origem ao cérebro e à medula espinhal.
Zigoto: Célula resultante da união do gameta masculino ao feminino.

O cordel na educação; traz uma inovação ao mesmo tempo que reafirma a nossa identidade cultural. Nesse mundo diverso, tanto o educador quanto a escola têm que arrumar modos de agir distintos, construindo uma metodologia inovadora para a aprendizagem do educando, gerando, assim, conectividade dentro da gama de opções que o estudante tem. Diante de um mundo de verso e poesia, há diversidade, culturalmente, em que as realidades sociais são muito complexas, o cordel inserido na educação se apresenta como chave para compreensão dessas realidades e das mudanças que nelas acontecem (ARAÚJO, 2007)

Os momentos que recorro o cordel alinhado com o ensino, foram os momentos em eu mais valorizei a aprendizagem e assimilei o conteúdo. Essa brecha que aparecia nas disciplinas onde eu podia fazer valer meu conhecimento de mundo relacionado com o cordel, fazia-me aproveitar minha habilidade e colocar em prática minha criatividade como educador. Assim acontecendo, como educador me preocupo em criar, a partir de ambientes educativos, meios que possibilitem aos sujeitos aprendentes a compreensão e interpretação do que se desenvolve em volta deles. Isso vale para o cordel como também

para quaisquer outras expressões culturais e artísticas que aconteçam no espaço educativo no qual eu esteja inserido.

Em relação às vivências no ensino durante a graduação do curso superior, foram experiências muito positivas e enriquecedoras, no entanto, gostaria de focar minhas memórias na atuação que tive no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Este programa é gerido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e faz parte da política de formação de professores do governo federal, no qual tem como objetivo "fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre as Instituições de Ensino Superior e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores" (BRASIL, 2018, p. 28). Nesse programa, eu percebi novamente o lugar que me deixa feliz, o ambiente escolar anima meu ser e a liberdade que o PIBID tem, dentro das escolas que ele atua, facilita a desconstrução do ensino. Logo que ingressei na universidade, fui bombardeado por informações sobre a existência de bolsas e monitorias, por isso não demorou muito para eu acabar indo numa reunião do PIBID sem compromisso algum. Nessa reunião, conheci os membros do projeto, o professor Roberto Feitosa responsável pelo programa, que logo seria meu orientador, e as escolas que estavam recebendo os bolsistas. Com essa reunião, eu comecei a frequentar de forma voluntária mais reuniões até ir atuar de verdade na escola física, saindo dos muros da universidade. Essa experiência foi muito boa, com alguns colegas desenvolvi projetos paralelos às aulas comuns. Nesse contexto, uma das práticas do PIBID é observar as problemáticas que ocorrem na escola. No nosso caso, na escola em que estávamos atuando havia o problema da existência de um lixão colocado mesmo na esquina da escola. Nesse cenário, resolvemos trabalhar dentro de sala de aula com filmes que elucidavam os problemas do lixo e outras questões sociais. Em seguida, chegamos a sensibilizar os pais dos estudantes e promover um mutirão de limpeza com o intuito de acabar com esse problema. Nesse período, eu estava apenas como voluntário do programa e por algumas questões acabei me afastando e não pude acompanhar o final do projeto. Entretanto, no ano seguinte consegui participar do PIBID como bolsista mesmo e enfrentei novas problemáticas relacionadas com o ensino remoto.

No que se trata o ensino remoto, no ano de 2020 o mundo enfrentava os efeitos catastróficos provocados por conta de um vírus e as medidas de proteção eram o isolamento social enquanto a ciência desenvolvia métodos para combater a doença. Por isso, o ensino teve que se adaptar à nova realidade. Nesse contexto, o PIBID migrou para

o ensino remoto. Mas antes de iniciarmos de fato nossos trabalhos, fizemos uma reunião na escola em que iríamos atuar, a instituição contemplada foi a Escola de Ensino Fundamental e Médio Hermino Barroso que fica localizada no município de Fortaleza. Sobre nossa visita ao colégio, fomos devidamente protegidos e mantendo o distanciamento social conhecer o espaço e conversar sobre a atuação do projeto na escola. Esse dia foi bem proveitoso, pois debatemos ideias e discutimos temas que poderíamos desenvolver.

Imagem 07: Reunião de Planejamento das atividades do PIBID



Fonte: Acervo do Autor. 23 de Novembro de 2020

O começo do PIBID online foi um processo bem complicado, pois não sabíamos muito bem como iríamos trabalhar já que as problemáticas da escola se concentravam não na escola em si, mas sim na forma como as aulas online invadiram a vida dos estudantes. Nessa perspectiva, várias críticas foram levantadas em reuniões, pois gostaríamos de saber como estava sendo o acesso dos estudantes às aulas, qual ambiente eles tinham à disposição para se concentrarem, quais aparelhos eles possuíam. Tudo isso foi discutido antes de iniciarmos de fato nossas atividades. Logo após entender como os estudantes estavam participando das aulas, o professor responsável pela escola sugeriu que trabalhássemos com eletivas (disciplinas que vão além do ensino regular e que se tem certa flexibilidade em relação ao currículo), pois já vinha sendo trabalhado e estavam dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Com isso, fomos checar o documento e escolher uma eletiva para começar de fato o nosso projeto. Dentro do documento das eletivas fornecidas pelo professor, havia uma que me chamou bastante atenção, ela estava prevista para o ensino de Biologia e chamava-se: O cordel no ensino de biologia celular. Com certeza, o tema chamou minha atenção afetando meu emocional,

portanto, joguei a ideia de trabalharmos essa eletiva na reunião que sempre fazíamos para discutir os projetos. Depois de longa discussão, achamos ser uma boa ideia experimentar essa eletiva, no entanto, adaptamos algumas questões e decidimos abordar o cordel com o ensino de ecologia. Aulas estavam sendo ministradas pelo meet de maneira remota e os bolsistas se dividiram em duas eletivas, eu fiquei na do cordel claro.

Em relação a eletiva do cordel com o ensino de ecologia, a equipe que ficou com esse projeto decidiu iniciar primeiramente explicando o que era o cordel e como produzi-lo para em seguida trabalharmos os temas. A primeira aula, recordo-me bem, fizemos perguntas para os estudantes com a finalidade de descobrir o que eles entendiam sobre o assunto que iríamos tratar. Um exemplo de questionamento feito foi: - Vocês sabem o que é cordel? E algumas respostas foram: - Sim, é um livrinho que rima. – Meu vô tem uns desses aí. Essa etapa foi muito importante para entendermos qual as ideias prévias que os educandos tinham sobre o tema que iríamos abordar.

Imagem 08: Eletiva do Cordel no Ensino de Biologia



Fonte: Acervo do Autor. 17 de Maio de 2021

O início da eletiva foi marcado pela apresentação da literatura de cordel, eu fiquei mais à frente dessa aula devido a minha experiência com as oficinas que já havia realizado. Nesse primeiro encontro, além de extrairmos o que os estudantes entendiam sobre cordel, foi ensinado as características essenciais sobre essa literatura. Desse modo, foram apresentados conceitos como métrica, rima e oração. Feito isso, os estudantes ficaram mais cientes a respeito da riqueza apresentada por essa literatura e perceberam a forma correta de como escrever versos de cordel. Nas aulas posteriores a essa, foram introduzidos os biomas que seriam trabalhados juntamente com textos de cordel que

narrassem o ecossistema estudado em questão. O primeiro bioma explorado, foi o da Caatinga, foi muito fácil encontrar material que evidenciassem o cenário da caatinga, pois todo enredo de cordel clássico se passa em algum sertão e traz aspectos relacionados com esse bioma. Além disso, utilizamos também músicas que abordam a ecologia do sertão, ou seja, letras de obras musicais que descrevem características encontrados nesse tipo de ecossistema, por exemplo, *O xote das meninas* composição de Zé Dantas e Luiz Gonzaga que evidencia bem o cenário da floração do mandacaru e sua relação com a chuva, *Suplicas Cearense* de Patativa do Assaré e Luiz Gonzaga que aborda as questões dos ciclos chuvosos no sertão.

A eletiva, de modo geral, seguiu nesse sentido de correlacionar o cordel com o conteúdo que estava sendo trabalhado. É importante salientar, que essa relação visa desenvolver as capacidades cognitivas dos sujeitos educativos e suas habilidades criativas, permitindo que, na aventura de conhecer, eles possam acrescentar novos saberes à constelação de conhecimento de que dispõem (ARAUJO, 2007). Em todo encontro que trabalhávamos a eletiva, solicitávamos que os educandos escrevessem algo, não necessariamente um cordel, mas algum verso sobre o assunto que acabou de ser estudado. Esses pedidos ocorriam sempre que acabava a aula e deixávamos os alunos ficarem livres para mandar no grupo de WhatsApp se quisessem. Com isso, tivemos algumas produções bem interessantes. Além de utilizar o cordel como recurso facilitador, tentamos aproximar os estudantes da cultura popular trazendo sabedorias relacionadas ao ciclo hidrológico, mais especificamente o da chuva. Nesse momento, buscamos apresentar o conhecimento popular sobre as previsões da chuva, nessa aula foi possível notar nas falas dos estudantes que eles lembraram dos seus avôs, pois diziam ter ouvido deles as previsões que apresentamos na aula e até chegaram a compartilhar algumas.

Imagem 09: Profetas da Chuva



Fonte: Acervo do Autor. 28 de Abril de 2021

A respeito da autonomia dos estudantes, conforme íamos abordando os temas e aprofundando a relação com o cordel, pedíamos a produção dos educandos sobre o que eles haviam entendido e no final da eletiva fizemos um apanhado geral culminando com um momento de produção textual. Friso, que não pedimos produções perfeitas de obras de cordéis, mas sim que eles utilizassem o conhecimento deles e escrevessem algo para que pudéssemos avaliar a evolução e o entendimento a respeito do assunto que foi tratado. Nesse momento, deixamos os participantes concentrados e solicitamos que eles tentassem fazer uma estrofe de cordel. Então de forma coletiva, um falou uma frase e outro completou e surgiu a seguinte estrofe:

Estrofe 1: Trecho de cordel coletivo sobre a Caatinga

*“Caatinga é um bioma
Que se encontra no sertão
Devido chover pouco
O sol quente racha o chão
Uma terra muito quente
Um lugar de solidão”*

Podemos observar alguns aspectos do cordel colocado em prática, além é claro do tema sugerido pelas aulas. Depois dessa aula, os estudantes passaram a interagir mais, parecendo que ficaram à vontade em expor seus textos no grupo ou de maneira particular entrando em contato com os membros do PIBID a frente dessa eletiva. Trago agora mais exemplos de poesias escritas pelos participantes:

Estrofe 2: Poesia entregue por um estudante.

*“Lá no meu interior
Estrada de barro, pé no chão
Eu ando pela Caatinga
Vendo a vegetação
A carnaúba seca
E tatu-bola de montão”*

Estrofe 3: Produção poética entregue por um estudante.

*“Caatinga é Mata Branca
Mata Branca é Caatinga
Nesse bioma esperando*

*Pela chuva que caí e pinga
 Hoje eu venho mencionar
 Da grande fauna que é de se apaixonar
 Escorpião e jaguatirica isso não pode faltar.
 Queria poder ter uma história pra contar
 Mas nenhuma dessas experiencias poderam me acompanhar*

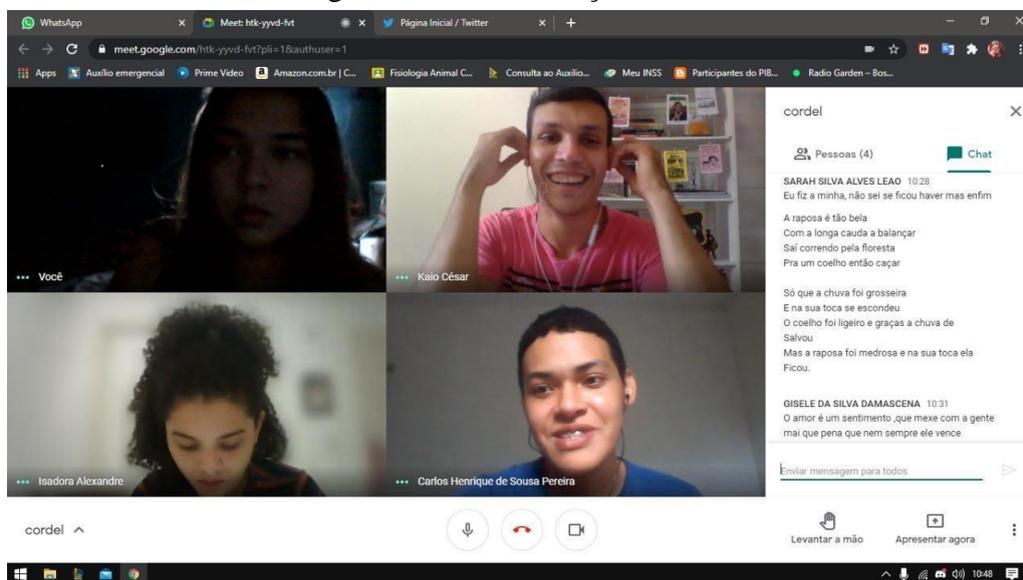
*Só que tem algo que não me impede, eu ainda posso inventar.
 Na fauna, eu estaria com os pássaros a cantar.
 Sorriu para eles então continuaria
 Correndo com os ventos que estão a soar
 Eu era uma bela raposa correndo ao vento
 Sobre os belos pelos cor de âmbar”*

Estrofe 4: Poesia entregue por um participante da eletiva

*“Chuva cai como reflexo de angustia da terra,
 Porém se refaz em esperança ao trazer vida ao solo seco
 Esperança de um grande sol, depois de uma tempestade.”*

É possível perceber a sensibilidade descrita nos versos apresentados, os estudantes demonstraram através da escrita poética a compreensão sobre o tema que foi apresentado. Como se pode perceber, podemos trabalhar de várias maneiras a criatividade e criticidade do texto apresentado pelos estudantes, seja trabalhando a melodia que é encontrada nas rimas ou na dramaturgia fornecida pelo cenário que se apresenta no texto. É de fundamental importância ressaltar, que a produção de textos com características poéticas apresenta questões muito próprias, há três delas que podem ser consideradas básicas: a sonoridade das palavras, a multissignificação e a ocorrência de neologismo (SORRENTI, 2017). Nesse contexto, vale lembrar que para ser considerado literatura de cordel a produção textual deve cumprir com alguns requisitos básicos. Primeiro deve conter um enredo e seus versos devem rimar nos versos pares, caso seja uma sextilha, o tamanho dos versos não deve ser maior que sete sílabas poéticas, ou seja, a métrica da linha escrita não pode ultrapassar a quantidade de sete sílabas poéticas é esse aspecto que garante a musicalidade do cordel, por fim, a oração que é um texto que faz sentido apresentando início, meio e fim.

Imagem 10: Aula Produção de Versos



Fonte: Acervo do Autor. 12 de Maio de 2021

Em relação ao que foi exposto, a atividade do PIBID na eletiva do cordel rendeu ótimos resultados de interação e estimulou a escrita e compreensão dos envolvidos. Os cordéis foram utilizados com o intuito de provocar a participação dos educandos e trazer a proximidade do tema da aula com os aspectos culturais nordestinos enfatizando o cenário apresentado na literatura com o encontrado no dia a dia dos estudantes. Essa maneira de conduzir a aula, aproximou os envolvidos na eletiva, pois, devido o ensino remoto, a interação dos estudantes era muito limitada sendo, muitas das vezes, só comentários no chat e foi possível identificar uma melhor discussão com a inclusão da eletiva do cordel. Além do mais, tivemos excelentes produções poéticas que foram até exibidas em um sarau, que foi organizado pela professora de Língua Portuguesa. No entanto, que fique claro, essas produções apesar de serem sugeridas em uma eletiva de cordel, são produções poéticas de outro gênero, pois não apresentam todas as características da literatura trabalhada em questão.

6 DESPRENDENDO DO CORDÃO

*“Liberdade, palavra que o sonho humano alimenta.
Não há ninguém que explique
e ninguém que não
entenda.”
(Cecília Meirelles)*

O ser humano, como coloca Freire (1995), é um ser de relações, uma vez que é criador de significados. Dessa forma, é um ser cultural, social e histórico. Por isso, é nas relações que estabelecemos através da cultura e da educação que a vida ganha sentido. Enquanto ser social, toda experiência adquirida é fruto de ações que processam tanto individual como coletivamente no cotidiano. Com o cordel não é diferente, acaba que a proximidade e o gosto por tal literatura aglutina pessoas com os mesmos interesses. Isso ocorreu na minha trajetória como poeta em formação e educador no processo de aprendizagem. Ao longo desse meu trajeto com literatura de cordel, fiz várias amizades relacionadas ao meio da poesia e com isso colocamos vários projetos em prática.

Em relação a projetos fora da universidade, juntamente quando entrei na UFC também conheci o Kelfer Stênio, poeta de Caucaia e ativista cultural, ele entrou em contato comigo dizendo que estava fazendo uma catalogação do artistas do município e que gostaria de saber qual é minha área e se eu tinha interesse em ter uma reunião com ele. Eu conversei mais um pouco com ele por mensagens até marcamos um encontro na Culturoteca, que é uma biblioteca filantrópica localizada no centro da cidade. No dia combinado, conversei com o Kelfer pessoalmente e trocamos várias ideias sobre a cultura de Caucaia e daquele dia em diante montamos o grupo Casa do Poeta Cearense com a finalidade de reunir poetas para debater o cenário atual da poesia. No começo, ocorria apenas alguns encontros mensais e trocas de informações sobre eventos literários, mas no ano de 2020 as coisas ficaram mais sérias, pois decidimos lutar por incentivos à cultura da nossa região. Caucaia é um município que depende muito de Fortaleza nesse quesito, apesar de ser um celeiro de artistas não há muito incentivos para que esses se desenvolvam pessoalmente e profissionalmente. Nesse sentido, começamos a nos manifestar na câmara municipal pedindo pautas e dando ideias e sugestões. Essa nossa atitude fez pelo menos a gente ser notado e conseguimos alguns benefícios com vereadores nos dando a oportunidade de iniciarmos projetos de fomento à cultura e à educação com oficinas de cordel, poesias, dramaturgia, dança, dentre outras manifestações artísticas.

Antes de realizar tais ações, precisávamos primeiramente saber quem era capaz de realizar as oficinas e com isso, eu juntamente com outros poetas começamos a catalogar os artistas da região. Com isso, encontramos vários poetas, violeiros, atores, escritores, dançarinos e afins distribuídos na cidade de Caucaia, nessa nossa busca visitamos as casas de algumas pessoas e ouvimos o que eles tinham pra nos contar. Lembro-me bem de entrar na casa de um poeta e ele mostrar seu acervo de cordéis juntamente com sua viola e uma coleção de CDs e DVDs. Nesse dia, quase não saímos

da casa dele, pois foi um encontro tão emocionante que a conversa rendeu muito. Quando você permite escutar uma história a pessoa lembra de outra e assim vai indo, o diálogo fluiu muito bem e a atenção que demos para suas histórias com certeza alegrou o dia no narrador e de quem estava escutando.

Imagem 11: Acervo do Poeta Ocione



Fonte: Acervo do Autor. 10 de Julho de 2020

Nessa nossa busca pelos artistas, nos deparamos com diferentes formas de cultura relacionadas à poesia, pois devido Caucaia ser um território de diferentes etnias, assim como todo o Brasil, encontramos pessoas de distintas representações culturais. Com isso, o nosso grupo, Casa do Poeta Cearense, contou com participantes de origem Indígena, Quilombola, Ciganos e povos originários. Essa diversidade só fez enriquecer cada vez mais o nosso grupo e colaborar com a troca de vivências nos diálogos que tínhamos em nossas reuniões. Com isso, além do cordel, pude conhecer novas narrativas e histórias a partir do contato com novas pessoas do cenário literário. Enquanto no meu processo de formação para me tornar educador, eu me deparava com a filosofia de Paulo Freire, vinha também colocando em prática na busca por artistas a importância da leitura de mundo e interação com essas novas fontes de conhecimento.

Quando o(a) professor(a) conta uma história é porque, de algum modo, o acontecimento lhe tocou. Essa seleção inicial está relacionada com o impacto gerado sobre quem viveu tal experiência, seja em termos de transformação produzida no lugar ou nos sujeitos envolvidos ou porque ela surge como ensinamento acerca de uma situação- problema que outros membros do grupo trazem para os espaços de formação. A compreensão da experiência selecionada passa pela reconstrução do narrado em variadas versões, pois o encontro com as palavras dos outros (colegas professores, autores, orientadores etc.) fortalece e autoriza determinadas lições (LIMA, 2005).

Essas lições aprendidas devido às narrativas de outras pessoas trouxeram o respeito com o aspecto cultural do outro, pois o cordel para mim era a única representação que eu podia utilizar. No entanto, entendendo a relação da minha pessoa com os demais pude perceber que somos uma miscigenação e o cordel pode ser utilizado também por pessoas que não o têm como origem cultural primordial. No mais, entendi que meu papel é justamente mostrar para os que não tiveram ainda contato com essa forma de expressão narrada, que ela existe. Dessa maneira, comecei a encarar como dever tentar alcançar o máximo de pessoas ao meu redor e, além disso, tornar algo produtivo no sentido financeiro. Conhecendo mais a fundo o cordel e o meio que ele ocupa, tentei melhorar a escrita das minhas produções e procurar espaços para levá-lo, obviamente, o ambiente que veio primeiro à minha mente foram as feiras e as praças. Sendo assim, decidi começar a comercializar minhas histórias inventadas e algumas delas com o tema direcionado a educação e a ciência.

Imagem 12: Venda de cordel numa cantoria de viola



Fonte: Acervo do Autor. 15 de Março de 2021

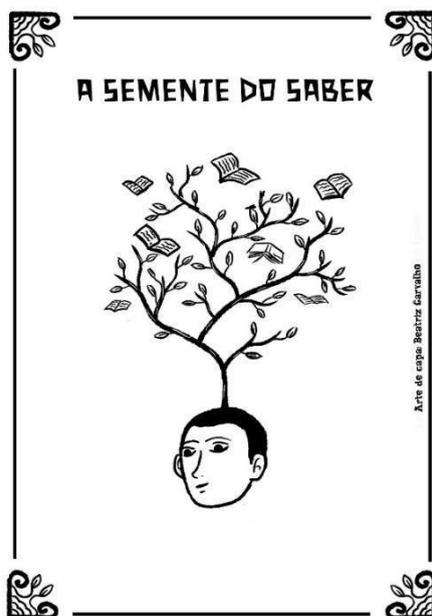
Com o aprofundamento na literatura de cordel e conseguindo cada vez mais espaço no meio da poesia, comecei a sonhar mais alto. Dentro do nosso grupo de poetas e demais segmentos literários, foi sugerida a ideia da construção de uma antologia poética com escritores apenas de Caucaia, com a finalidade de mostrar um trabalho da Casa do Poeta Cearense e concretizar o sonho de vários escritores independentes, cujo desejo maior é a publicação de um livro. Tendo a ideia em mente, partimos para um

planejamento estratégico de execução para conseguir arrecadar o investimento necessário. Portanto, a maneira como pensamos foi de tentar submeter um projeto a algum edital de incentivo à cultura, torcer para que conseguíssemos e, dessa forma, concretizar o objetivo.

No que se refere às minhas produções particulares, conforme o meu ingresso no mundo do cordel, comecei a pesquisar locais para confecção de material e devido uma rede social que havia criado para divulgar meus versos acabei me aproximei de poetas e de artesãos que residem em outros estados. Dessa forma, conheci poetas com outras realidades no Brasil que, assim como eu, estavam iniciando na literatura de cordel, através do diálogo por mensagens trocávamos desafios de poesia. Certa vez, um desses meus amigos colocou no grupo o seguinte mote (mote é um tema que desafia o poeta a escrever toda sua poesia e no final acabar a sua estrofe com o que foi sugerido) “O leitor planta na mente a semente do saber.”. Nesse contexto, eu acabei escrevendo algumas estrofes e coloquei no grupo que fazia parte, os demais integrantes visualizaram e parabenizaram e a pessoa que sugeriu o tema veio falar comigo em particular. Na conversa, ele disse que

gostou muito dos versos que eu havia feito e mostrou os deles referente ao mote em questão. Em seguida, eu sugeri de a gente juntar nossas estrofes e confeccionar um cordel para ter esse trabalho impresso, ele adorou a ideia, então, demos início ao projeto. Após organizar tudo, entramos em contato com um poeta que nos ajudou no processo de confecção do nosso material e, dessa maneira, conseguimos concretizar o objetivo. Veja como ficou o trabalho em questão.

Imagem 13: Cordel A semente do saber



Fonte: Acervo do Autor. 11 de Junho de 2021

A semente do saber – Ataídes Silva e Kaio César

Ataídes Silva

*Pra viajar não precisa
Sair do sofá de casa,
Nem carece criar asa,
Nem fazer tanta pesquisa,
Quem sempre sai nunca avisa
Quando pega algo pra ler,
Pois viaja sem querer
Por um meio diferente.
**O leitor planta na mente
A semente do saber.**
-1-*

*Os livros são aviões
Sempre prontos a voar,
Dispostos a te mostrar
Diferentes estações,
Novas formas e padrões
Que não conseguimos ver,
Dentro de nós desfazer
O medo de andar em frente.
**O leitor planta na mente
A semente do saber.**
-2-*

*Lendo você vai sair,
Enxergar mais lá no fundo,
Conhecer o próprio mundo
E dele não desistir,
Na pele poder sentir,
Ao dar a cara a bater,
Tendo voz, sem se esconder,
Na luta sempre insistente.
**O leitor planta na mente
A semente do saber.**
-3-*

*Ler livros é viajar
Sem ter um destino certo,
É estar longe e mais perto
Do seu sonho conquistar,
É aprender caminhar,
No caminho se envolver,
A vontade não perder,
No futuro ser presente.
**O leitor planta na mente
A semente do saber.**
-4-*

*Muitas viagens já fiz
Alguns caminhos trilhei,
Por muitas vezes chorei
Nesse embalo me refiz,
Por vezes ri, fui feliz,
Sempre buscando aprender
Assim que pude entender
As dores da nossa gente.
**O leitor planta na mente
A semente do saber.**
-5-*

Ataídes Silva

Kaio César

*Pro roçado ter fartura
Falo uma coisa só
Se desate desse nó
E plante literatura
O povo com mais leitura
Pode realmente ver
O nosso país vencer
E caminhar para frente
**O leitor planta na mente
A semente do saber.***

-1-

*Para fazer um roçado
É preciso ter estudo,
Assim vai nascer é tudo
Que for então bem plantado
Entenda esse meu recado
Só espere até chover
E a plantação vai crescer
No bom coração da gente
**O leitor planta na mente
A semente do saber.***

-2-

*Neste solo tão fecundo
A raiz cresce ligeira
E a árvore de primeira
Espalha-se pelo mundo
É só questão de segundo
E um bom fruto vai crescer
Com isso vamos colher
De maneira inteligente
**O leitor planta na mente
A semente do saber.***

-3-

*O fruto compartilhado
Sendo bem distribuído
Põe na vida mais sentido
No caminho a ser trilhado
É só não deixar guardado,
Pois temos que devolver
Para o solo receber
A leitura novamente
**O leitor planta na mente
A semente do saber.***

-4-

*Quem semeia um grão agora
Depois verá resultado
Saber sendo semeado
Nasce sem fazer demora,
Aproveita, tá na hora,
Pois quanto antes se ler
Mais cedo irá obter
Um futuro mais decente
**O leitor planta na mente
A semente do saber.***

-5-

*Mote: Ataídes Silva
Glosa: Kaio César*

A leitura é fundamental no processo de aprendizagem, através desses meus versos e os do poeta Ataídes Silva tentando passar a mensagem poética sobre isso. Escrever é registrar na história um período do tempo enquanto ler é retornar para esse momento e revivê-lo. Pois bem, todo mundo traz consigo uma leitura de mundo, portanto, ler não é apenas decodificar palavras organizadas em um texto, ler vai além disso. A leitura é a interpretação do mundo feita pelos nossos sentidos e experiências. Dessa maneira, “pro roçado ter fartura”, ou seja, para a nossa mente ter mais conhecimento é necessário leitura.

Leitura do mundo, leitura da natureza, leitura das coisas da vida... Tendo leitura, é preciso ter escrita, pois devemos registrar nossas percepções e experiências da vida para auxiliar no processo de compreensão do mundo. Nesse sentido, eu, juntamente com meu amigo Ataídes, contribuimos com nossas humildes reflexões poéticas deixando registrado aqui nossas interpretações particulares a respeito de um tema coletivo. Quando me deparei com o mote do meu colega fiquei encantado, veio logo na minha mente a imagem de alguém semeando poesia e colhendo vários cordéis que serviriam para nutrir uma população carente de leitura. Espero que o nosso cordel seja lido por alguém e que esse alguém plante essa ideia na cabeça de outro alguém.

No que diz respeito aos projetos fora da universidade, devido essa minha exposição com cordéis e sempre demonstrar o interesse pela poesia popular, isso acabou abrindo portas que eu não conhecia direito. Nesse sentido, um amigo meu da universidade sabendo das minhas habilidades com poesia e tendo certa influência e contato, fez uma conexão para que eu e ele ministrássemos uma oficina na Organização Não Governamental (ONG) Aquasis, por intermédio de uma monitora que estava à frente da Brigada da Natureza, que consiste de um projeto de educação ambiental com crianças e adolescentes, tivemos algumas reuniões online, pois nesse período estávamos ainda em isolamento, para decidir como seria a programação do projeto. Depois de decidir tudo, a ementa consistia em ensinar a literatura de cordel para os jovens participantes da Brigada e, por fim, eles iriam elaborar cordéis relacionados com os projetos existentes na ONG. Com isso, ocorreram encontros de maneira virtual para apresentar o que é o cordel e como confeccioná-lo. O ambiente, apesar de ser online, foi muito agradável com os participantes interagindo bem, ocorreram algumas falhas de conexão, porém não abalou toda a oficina. Ao terminar a oficina, os integrantes tiveram a missão de elaborar os cordéis falando a respeito dos projetos trabalhados pela Aquasis e o resultado foi bastante animador. Logo após o isolamento social ser dispensado, eu e meu amigo fomos convidados para ir a sede da Aquasis que fica no município de Caucaia no bairro da Iparana e nesse encontro tivemos a oportunidade de ver o material elaborado e ganhamos alguns presentes. O material em si ficou ótimo, porém não pode ser considerado um cordel, pois não segue todas as exigências dessa literatura. No entanto, no papel de informar e entreter tirou nota dez. Essa experiência, fez-me enxergar os novos horizontes da função de um educador, nunca esperaria trabalhar juntamente com uma ONG e construir o conhecimento com várias crianças que não estavam inclusas num sistema de

séries nem faixa etária. Realmente, essa vivência foi além da ementa, das grades e dos muros da UFC.

Imagem 14: Visita a instituição Aquasis.



Fonte: Acervo do Autor. 12 de Outubro de 2021

Relembrando o projeto do livro que envolve o grupo da Casa do Poeta Cearense, durante essa minha formação como educador e enquanto poeta, pude perceber que a escrita é necessária para deixar uma história que pode ser revisitada por qualquer pessoa no futuro. Com isso, os livros são como máquinas do tempo que levam você para qualquer lugar, além de trazerem conhecimento. No mais, a valorização da identidade tradicional é mantida conforme as gerações vão passando e vão tendo acesso a livros que contam seus costumes. Portanto, em reuniões com outros poetas, vimos a necessidade de deixar nossos versos gravados no papel e espalhados pelo mundo ou, talvez, ficando empoeirados em alguma prateleira.

Imagem 15: Reunião da Casa do Poeta Cearense.



Fonte: Acervo do Autor. 31 de Outubro de 2021.

A confecção do livro foi possível devido nossa organização e planejamento, após várias reuniões pensando em estratégias para elaboração do projeto decidimos agir como coletivo e submeter um projeto no edital da Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020, mais conhecida popularmente como Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, elaborada pelo Congresso Nacional com a finalidade de atender ao setor cultural do Brasil, maior afetado com as medidas restritivas de isolamento social impostas em razão da pandemia de Covid-19 (GOVERNO, 2020). Com isso, conseguimos ser contemplados com o benefício sendo necessário apenas uma contrapartida social que era justamente o livro.

Sobre a edição do livro, nós membros do grupo decidimos que todos deviam escolher dez dos seus trabalhos para poder ser colocado na antologia. Portanto, bastou que separássemos nossos textos. Em seguida, depois de muita pesquisa entramos em contato com uma editora e fizemos um orçamento, a editora foi bastante acessível em relação ao custo de produção, fechamos então o acordo com a Editora Lucarocas Artes (EDILUAL) e seguimos o procedimento para publicação do livro. Logo após tudo realizado, aguardamos ansiosamente o dia que o livro estaria pronto. No dia 22 de maio de 2021, recebo mensagem da editora pedindo para que eu fosse buscar os livros, pois já estavam prontos. Nesse dia, fiquei bastante feliz, porque havia realizado um sonho, o Kaio que escutava as narrativas de cordéis do seu avô conseguiu participar de uma Antologia Poética e pôr suas próprias histórias dentro de um livro.

O livro *Vozes da Caucaia: Antologia Poética* representa as vozes, as palavras, as tradições de uma cidade vista pelos olhos de poetas que moram em diferentes espaços

dela. Nesse livro, colocamos as nossas vivências dos nossos espaços de formação começando pelo Francisco Anízio, poeta que mora nos Sítios Novos e traz o sertão como inspiração, em seguida, Eridan Bandeira, nascida e criada no sopé da serra de Santa Rosa, mostra em seus versos o aconchego desse lugar. Logo após, vem Juarez Cunha, poeta que é filho de sanfoneiro, carrega no sangue o dom de versejar, depois dele vem Kaio César, exatamente, sou eu quem narra essa história trazendo a poesia como fonte de transformação e educação. Dando continuidade, tem Kelfer Stenio, morador do bairro Metrópole, traz a Caucaia do centro comercial mais próximo à Fortaleza, diferentemente de Luiza Leite, escritora quilombola, representa as tradições dos povos originários, compondo essa antologia tem também Marcus Sales que nasceu no Distrito Federal, mas tem pais nordestinos e se formou pelas terras de Caucaia, depois Ocione Soares, nascido e criado no Maranhão, mas radicado na Jurema, contribuiu em grande parte para que essa publicação se tornasse possível. Esses escritores, compõe o livro no qual tive a honra de participar e através dos meus versos representar as minhas tradições.

Imagem 16: Recebendo o Livro Antologia Poética: Vozes de Caucaia



Fonte: Acervo do Autor. 5 de Junho de 2021

Imagem 17: Divulgação do Livro na Praça



Fonte: Acervo do Autor. 19 de Dezembro de 2021

Imagem 18: Lançamento do Livro no shopping Benfica



Fonte: Acervo do Autor. 25 de Setembro de 2021

7 O ROMANCE EM EVIDÊNCIA E O SEU USO NA CIÊNCIA

*“Só sei que nada sei...”
Sócrates*

Há uma variedade imensa de títulos de cordéis sendo vendidos atualmente nas feiras e poetas de todo canto do Brasil têm se dedicado a essa literatura. Essa relação faz com que o leque de possibilidades aumente criando textos com temas inusitados. A respeito da ciência, não é de hoje que o cordel tem a função de jornal, pois antes dos meios de comunicações atuais, o cordel já fazia esse papel de informar trazendo em seus versos notícias relevantes do momento como a chegada do homem na lua ou o desastre das torres gêmeas abarcando os mais variados temas, a ponto do gênero ser chamado de “jornalzinho do povo” (HAURÉLIO, 2014). Essa característica não se perdeu, porque a narrativa apresenta essa função, como já foi discutido no início, e, além disso, traz o entretenimento como maneira de atrair o leitor para poder ser vendido e consumido. A estratégia empreendedora utilizada pelos cordelistas é a declamação, é muito comum você passar por uma feira de cordel e ter um vendedor lendo o folheto em voz alto ou até mesmo declamando ele de cor, isso serve para chamar a atenção do ouvinte e, normalmente, o vendedor deixa a história pela metade, atraindo o interesse de quem escutou os versos. Embora o cordel traga conteúdos relacionados à ciência, ele não tem obrigação e nem compromisso com a verdade, portanto, cabe ao educador selecionar bem um material que ele venha a trabalhar. A ciência, por outro lado, se estabelece como

descrição única e autorizada do mundo, partindo dos pressupostos teóricos, como versão oficial que supõe orientar todos os modos de pensar e de se relacionar com a natureza dentro dos parâmetros estabelecidos (LIMA et al, 2015).

Enredos inventados a partir de inspiração científica ou narrativas de cordéis que serviram de inspiração para os avanços científicos, são pontos analisados nessa literatura. Relendo algumas obras com o intuito de reviver as emoções do passado, percebi que muitos cordéis antigos trazem um contexto tecnológico atual. Sobre isso, analisando o *Romance do Pavão Misterioso* composto em 1929 pelo poeta José Camelo. No cordel, temos a aparição de um veículo na forma de um pavão que voa como o mais moderno helicóptero dos dias atuais. Isto é, coincidentemente, o poeta naquele tempo já teria pensado ou inspirado algo que remete aos dias atuais. Claro, que a invenção do helicóptero não se deu a partir da leitura desse cordel, mas onde estou querendo chegar é que a imaginação fértil dos poetas pode produzir coisas que vão além do seu tempo e essa criatividade é fundamental para o processo de criação e deve ser estimulada no processo educativo.

O cordel, no ambiente escolar, estimula, inúmeras possibilidades educativas, tanto no favorecimento da aprendizagem, devido a sua ludicidade, quanto sendo um recurso de ensino que trabalha a linguagem com temas do cotidiano favorecendo o ensino-aprendizagem. Ou seja, o poeta popular, ao se comunicar com seu público-leitor, almeja que eles compreendam o que quer ser dito. Portanto, em seus textos, fala ao leitor numa linguagem acessível que ele possa entender. Nesse sentido, o cordel constrói conhecimentos sobre a realidade interpretando-a e representando-a nos seus versos tendo como finalidade dinamizar as relações educativas entre os sujeitos da comunidade aprendente (ARAUJO, 2007).

A partir dessa rememoração e de releituras, identifiquei uma gama de obras relacionadas com a ciência, incluindo textos que já li e utilizei em sala de aula. Nessa busca por materiais, percebi que usar o cordel como instrumento didático vai depender da proposta da aula, portanto, podemos extrair até do *Romance do Pavão Misterioso* algo útil e que acrescente algo à aula. Sendo assim, gostaria de compartilhar alguns temas sobre o qual tenho conhecimento e discutir como podem ser realizados os trabalhos. Nesse contexto, há um cordel de título *Os animais têm razão* do autor Antônio Francisco, cujo enredo ocorre em baixo de um pé de juazeiro com os bichos falando das tragédias ocasionadas pelas atitudes humanas contra a natureza. Trago alguns trechos dessa obra para elucidar melhor o que pode ser explorado dela:

*Quem já passou no sertão
E viu o solo rachado,
A caatinga cor de cinza,
Duvido não ter parado
Pra ficar olhando o verde
Do juazeiro copado.*

*E sair dali pensando:
Como pode a natureza
Num clima tão quente e seco,
Numa terra indefesa
Com tanta adversidade
Criar tamanha beleza.*

*O juazeiro, seu moço, É
pra nós a resistência,
A força, a garra e a saga,
O grito de independência
Do sertanejo que luta
Na frente da emergência.*

*Nos seus galhos se agasalham
Do periquito ao canção.
É hotel de retirante
Que anda de pé no chão
O general da caatinga
E o vigia do sertão.[...]
(Antônio Francisco)*

Como podemos ver no início do cordel, o cenário descrito é o bioma da caatinga e nesses versos é possível trazer aspectos ecológicos para serem discutidos em sala de aula. Nesse trecho, destaco que há interação biológica entre as aves e o juazeiro e, além disso, pode ser visto o aspecto social quando é comparado a árvore a força do povo nordestino, pois ambas enfrentam a escassez hídrica existente no ambiente. Dando continuidade nos versos subsequentes:

*[...]O porco dizia assim:
“Pelas barbas do capeta
Se nós ficarmos parado
A coisa vai ficar preta
Do jeito que o homem vai,
Vai acabar o planeta.*

*Já sujaram os sete mares
Do Atlântico ao mar Egeu,
As florestas estão capengas,
Os rios da cor de breu
E ainda por cima dizem
Que o seboso sou eu.*

*Os bichos bateram palmas,
O porco deu com a mão,
O rato se levantou
E disse: “prestem atenção”,
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.*

*O homem, sim, mente e rouba,
Vende a honra, compra o nome.
Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.*

*Palmas, gritos e assovios
Ecoaram na floresta,
A vaca se levantou
E disse franzindo a testa:
Eu convívio com o homem,
Mas sei que ele não presta.*

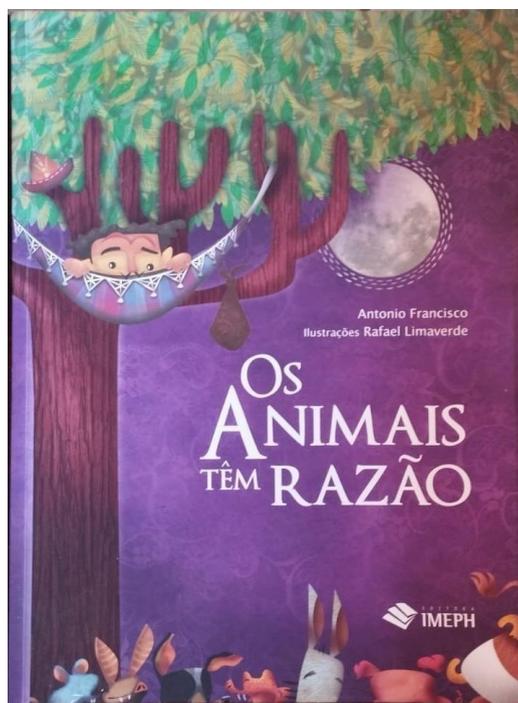
*É um mal-agrado,
Orgulhoso, inconsciente.
É doido e se faz de cego,
E não sente o que a gente sente,
E quando nasce e tomando
A pulso o leite da gente.*

*Entre aplausos e gritos,
A cobra se levantou,
Ficou na ponta do rabo
E disse: também eu sou
Perseguida pelo homem
Pra todo canto que vou.*

*Pra vocês o homem é ruim,
Mas pra nós ele é cruel.
Mata a cobra, tira o couro,
Come a carne, estoura o fel,
Descarrega todo o ódio
Em cima da cascavel.[...]*
(Antônio Francisco)

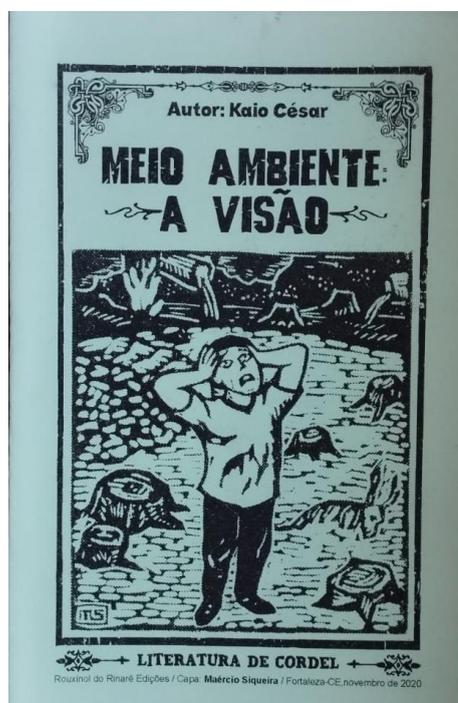
Quando avançamos na leitura, percebemos o enredo fantástico remetendo à ideia de uma fábula. Nesses versos, o poeta coloca os animais em uma reunião discutindo os problemas ambientais causados pela raça humana. Com isso, a educação ambiental pode ser colocada em pauta e as ideias de preservação e conservação do meio ambiente serem levantadas nas discussões. Esse é um exemplo de metodologia que pode ser utilizada com o uso do cordel. No entanto, há diversas maneiras que esse recurso didático pode ser explorado, como a dramatização teatral feita por estudantes, criação de paródias, ilustrações criativas a partir da interpretação da leitura, murais com exposição dos desenhos, dentre outros. Prosseguindo a respeito de temas que dialogam com a ciência, gostaria de trazer algumas imagens de cordéis que abordam essa temática e que podem ser explorados para futuras atividades.

Imagem 19: Cordel – Os animais têm razão.



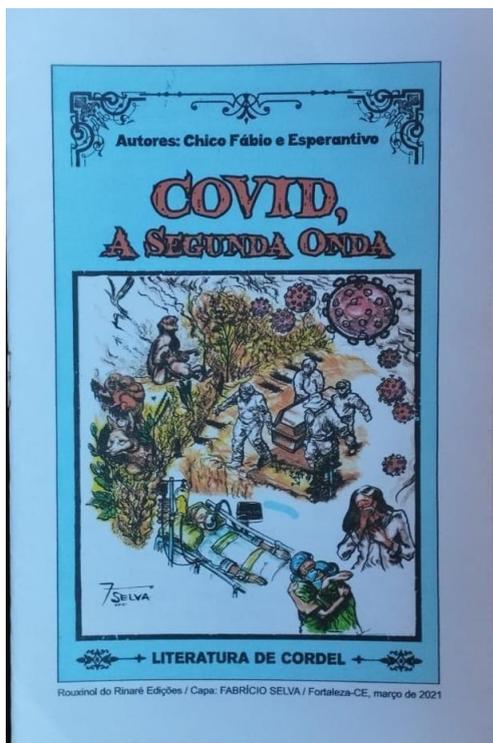
Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 20: Cordel – Meio Ambiente a visão.



Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 21: Cordel – Covid, a segunda onda.



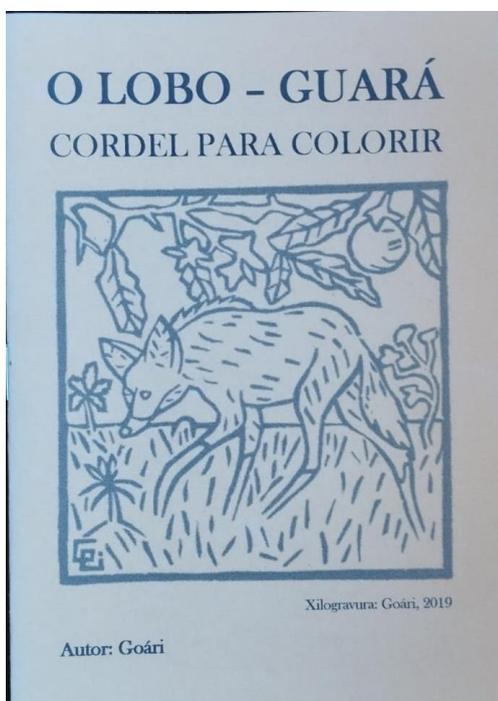
Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 22: Cordel – As partes do corpo humano com a sua serventia.



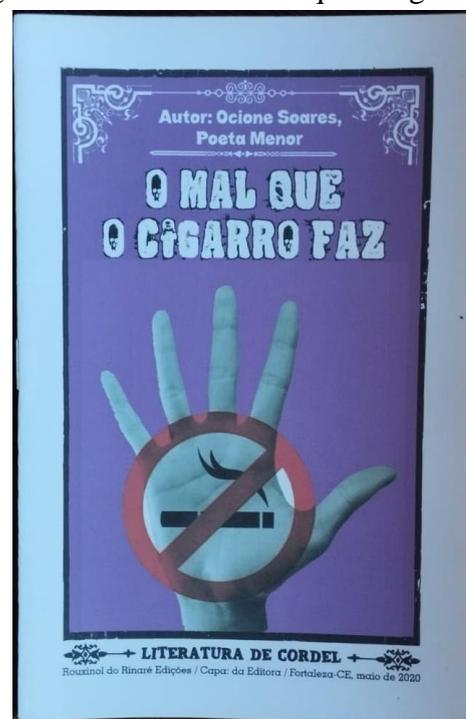
Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 23: Cordel – O Lobo-Guará



Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 24: Cordel – O mal que o cigarro faz.



Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 25: Cordel – O plantador de ervilhas.



Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Imagem 26: Cordel – Festa de arromba na floresta



Fonte: Acervo do Autor,
21 de Novembro de 2022.

Esses são alguns títulos de cordéis com a temática voltada para ciência, com cuidado separei para evidenciar a diversidade de assuntos que podem ser abordados e, além disso, há produções que debatem temas bem atuais e relevantes. Dessa forma, não falta cordel para ser utilizado em sala de aula uma vez que há uma imensa variedade.

8 O CORDEL NÃO É INTRUSO, A CONCLUSÃO DO SER INCONCLUSO.

*“É preciso acreditar
Na semente que plantou,
Na qualidade do solo,
No inverno que chegou
Para viajar nos sonhos
Que Paulo Freire sonhou.”
(Antônio Francisco)*

Escrever é eternizar em palavras o que quer ser dito, portanto, quando conto a minha história pode ser que seja perpetuada por quem escutou, porém quando escrevo-a eternizo o meu ser na descrição que faço. Nesse percurso, redescubro e reinvento quem sou a partir das memórias e reflexões que faço sobre mim. Escrever cada linha desse

trabalho, problematizando as minhas experiências, vivências e lembranças, buscando compreender quais influências elas possuem sobre a minha identidade docente, fez com que eu sentisse várias emoções. A alegria ao lembrar do meu vô contando histórias de cordel para mim e meus primos, o entusiasmo em escrever o meu primeiro verso, a esperança de mudar o mundo através da poesia, a saudade das brincadeiras de criança, a tristeza ao escrever um verso de despedida, a indignação ao ler os versos de Patativa sobre os problemas sociais. Tudo isso, foi relembrado ao me propor escrever sobre mim e contar essa conexão que tenho com a Literatura de Cordel.

Ao permitir acessar minha mente e conectar em minhas memórias, percebi a relação da minha formação humana na minha prática docente. Isto é, a construção dos meus costumes impacta diretamente na forma como planejo e executo uma aula, portanto, essa prática carrega uma série de tradições que envolve a formação do meu EU. No entanto, como docente reflexivo, devo interpretar as minhas ações e extrair com criticidade as características boas das experiências em sala de aula e buscar melhorar os pontos negativos. Ao longo dessa minha escrita, pude esclarecer algumas dúvidas a respeito da educação e com isso perceber o meu lugar como educando. No mais, como poeta já via as potencialidades do cordel como instrumento didático e como educador entendi a maneira de utilizar esse recurso corretamente, dessa forma, auxiliando mais no processo de ensino-aprendizagem.

O conhecimento não é algo estático, é fluído e modelável dependendo da situação que esteja sendo analisada. Nesse contexto, na caminhada que refiz, o conhecimento popular foi bastante evidenciado, pois apesar de não seguir um modelo científico não deixa de ser válido em certas ocasiões. A Literatura de Cordel equilibra-se nessa linha tênue, conversando tanto com o saber popular com quanto o método mais acadêmico que exista na produção literária. Nessa minha trilha, revivi momentos conectados inteiramente com as tradições baseadas em saberes populares tendo como estudo apenas a experiência empírica sobre as coisas, quando trago poetas que falam sobre a ecologia do sertão em versos matutos usando um linguajar acessível a todos os agricultores do Brasil. Por outro lado, a forma harmoniosa na cadência dos versos impressiona o mais bem letrado doutor de academia, essa relação de transformar o complexo em uma coisa simples é o diálogo perfeito do meu EU poeta com meu EU educador.

As minhas experiências universitárias foram rememoradas por intermédio de anotações, fotos e lembranças com a finalidade de compreender a minha formação profissional. Nesse trajeto, identifiquei a importância de certos momentos reflexivos que

me ajudaram a encontrar e descobrir o meu papel enquanto futuro professor de ciências e biologia. No curso de Ciências Biológicas, vivenciei programas que auxiliaram no meu processo docente fazendo eu encontrar realmente o meu lugar. Além disso, obtive experiências que eu jamais imaginava ser possível seguir na minha profissão. Ao rever meus passos durante a graduação, vi a importância de cada situação que foi vivida, até as de cunho negativo, porém, refletindo sobre isso vejo que o ambiente universitário também necessita de mudanças embora seja um local que cultive a inovação e a liberdade, certos aspectos nos deixam presos às grades invisíveis do magistério.

Sobre o grupo Casa do Poeta Cearense, enquanto membro e participante tive excelentes oportunidades e ativismo cultural. Nesse coletivo, compreendi que fazemos a história no presente que atuamos e unidos realmente somos mais fortes, pois foi através das atitudes coletivas plenamente planejadas que conseguimos conquistar espaços e desenvolver projetos dentro do município de Caucaia. Com isso, foi analisando o meu passado sobre as minhas ações a respeito do grupo que percebi a minha relevância no cenário da poesia local. Embora não seja um poeta famoso e nem tenha um impacto social muito relevante, as ações realizadas em conjunto serviram para despertar a vontade de continuar fazendo mais trabalhos como esses pela cultura de Caucaia. Além disso, essas vivências me fizeram conectar com pessoas que eu jamais imaginava conhecer a não ser por meio da poesia. No mais, foi esse coletivo que incentivou e fez se tornar real o sonho da publicação de um livro, pois aprendi em nossos encontros como se tornar um escritor e encontrar meios para conseguir publicações e financiamento de livros. Por fim, o grupo abriu portas de locais que, talvez, eu não conseguisse abrir sozinho criando oportunidade para todos envolvidos no cenário poético de Caucaia, até os que não participavam ativamente do grupo.

Nesse viés, a partir das vivências e experiências adquiridas no percurso do desenvolvimento como poeta e educador, surgiu a necessidade de retribuir os ensinamentos e deixar algo produzido para que sirva como inspiração para as gerações futuras. Nesse sentido, consegui reviver meu processo de composição e produção literária retornando a leitura sobre meus textos já escritos e publicados. Nessa atitude, senti novamente a sensação de dever cumprido, quando por algum motivo, eu escrevia uma poesia que representava um sentimento relacionado a um povo, como se a escrita fosse a forma de combater as desigualdades sociais, a pobreza, a fome. Não é bem assim, pois não resolvi nem irei resolver todos os problemas do mundo, porém a manifestação poética

que fiz e faço abre espaço para as discussões sobre os problemas que afetam a sociedade que vivo e descrevo em meus versos denunciando, assim, essas problemáticas.

No que se refere ao meu contato com a educação escolar, enquanto estudante evidenciei em minhas memórias como foi esse meu processo de formação, essa relembração fez-me atentar a pontos que foram cruciais no meu desenvolvimento para poder entender as influências de certas experiências no meu processo de ensino-aprendizagem. Em relação às práticas docentes, revisitando documentos, fotos e anotações, analisei a forma como conduzi algumas aulas e novamente refleti sobre essa minha maneira docente. Nessas reflexões sempre me questionava o que poderia fazer para que os estudantes compreendessem melhor a minha disciplina e quais métodos eu deveria melhorar. Além desses pensamentos, evidenciei também as dificuldades enfrentadas enquanto docente que busca métodos de inovação, pois apesar de buscar trazer formas novas de ensino que visam trabalhar a autonomia dos educandos, essas metodologias não têm muito apoio do núcleo gestor e também são estranhadas pelos estudantes que estão acostumados com uma educação tradicional.

No tocante aos espaços culturais conquistados ao longo dessa minha trajetória, olhando para o passado e analisando esse processo identifico as etapas da construção do meu ser poeta em paralelo ao ser educador enquanto está sendo educado. Na caminhada até o presente momento, deparei-me com situações que desestimularam o meu interesse por fazer cultura, devido à falta de investimento público nesse setor ou a má administração e gerência de verbas direcionadas para tal. Trabalhar com cultura é algo satisfatório, pois sabemos da importância que se tem em deixar nossos costumes vivos e perpetuá-los para os mais jovens, entretanto, requer muito gasto energético e pouca valorização no que diz respeito ao financeiro. No entanto, não descarto a possibilidade de continuar fazendo trabalhos direcionados para essa área, porque, apesar de tudo, quando tem gente que quer fazer dar certo a coisa funciona e o resultado alcançado se torna incrível.

Em linhas gerais, sobre tudo que já foi apresentado nessa minha narração, podemos ver que virar professor não é um dom natural e nem algo que acontece da noite para o dia quando ganhamos um diploma. Tornar-se professor exige de muita leitura, leitura de mundo compartilhando vivências e experiências, ser educador é educar não através do que se sabe, mas a partir do conhecimento do educando chegar a um saber comum e útil, já ser poeta é buscar traduzir em palavras o sentimento e as emoções humanas com o intuito de transformar e libertar o ser que é, ser humano é entender que a nossa espécie carece de relações e narrações e que o ato de contar histórias nos ajuda a

evoluir como *homo sapiens*. Portanto, esse meu ciclo se encerra para dar início a outro, a poesia continua sendo minha companhia e eu a dela carregando com orgulho a responsabilidade de espalhá-la por aí. Concluo minha narração, mas não termino minha história sabendo que “a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes” (FREIRE, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memórias e narrativas.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. **Rio de Janeiro: Vozes**, 1978.
- ARAUJO, Patricia Cristina de Arago et al. **A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de Saberes.** 2007.
- BARROS, Manoel de. **O Menino que Carregava Água na Peneira.** Disponível em: < <http://www.poesiagalvaneana.com.br/2013/05/o-menino-que-carregava-agua-na-peneira.html#.VYDdlvIvIkp>>. Acesso em 25 Mar. 2018.
- BARBOSA, Alex Samyr Mesquita; PASSOS, Carmensita Matos Braga; DE ARAÚJO COELHO, Afrânio. O cordel como recurso didático no ensino de ciências. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 6, n. 2, p. 164-172, 2011.
- Base Nacional Comum Curricular. Acesso: 10/11/2022 Disponível: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf
- BESSA, Bráulio. **Poesia com rapadura.** Cene Editora, 2017.
- BRASIL. Portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. **Institui o Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência.** Diário Oficial da União, Brasília, 2018a.
- BRUNER **Realidade Mental, Mundos Possíveis.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CASTRO, Luis Carlos Rolim de. O cordel sem cordão, um folheto em cada mão experiências de leitura com o texto de cordel. 2016.
- DO ASSARÉ, Patativa et al. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.** Editora Vozes, 1978.
- FERREIRA, Luciana Haddad. **Educação estética e prática docente: exercício de sensibilidade e formação.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- FERREIRA, Luciana Haddad. **Dos seixos e das conchas.** In: FERREIRA, Luciana Haddad (Org.). Arte de olhar: percursos em Educação. Campinas: Ilion, 2011.
- FERREIRA DA SILVA, Gonçalo. Vertentes e evolução da literatura de cordel. 2012.
- FRANCISCO, Antônio. **Os Animais têm Razão.** IMEPH, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Editora Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Editora Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Projeto Educativo. **Educar**, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOVERNO, Diário Oficial da União. LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020 Disponível: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>> Acesso: 22/11/2022.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Editora Companhia das Letras, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. - Belo Horizonte, Autêntica, 2015

LEITE, Yonne & CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002 (Descobrimo o Brasil).

LIMA, MECC; GERALDI, CMG; GERALDI, J. W. **O trabalho com narrativas na investigação em educação**. Educação em Revista. 2015.

LIMA, M. E. C. de C. Sentidos do trabalho: **A educação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Memória e estudos autobiográficos**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Em Aberto, v. 5, n. 31, 1986.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de Cordel—origens e perspectivas educacionais**. 2018. Disponível:<http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40537/1/2018_tcc_fpneves.pdf> Acesso: 13/06/2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Políticas curriculares no contexto do golpe de 2016: debates atuais, embates e resistências. In: AGUIAR, M.A.S.; DOURADO, L.F. (Orgs.) A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas. Recife: ANPAE, 2018.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. Livraria Duas Cidades, 2001.

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da. **O cordel na BNCC e sua ausência nos anos finais do Ensino Fundamental**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 14, 19 de abril de 2022. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/14/o-cordel-na-bncc-e-sua-ausencia-nos-anos-finais-do-ensino-fundamental>

SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Paz e Terra, 1987.

SOUSA, Francisco Eudes de. Entre Versos me fiz professor: Narrativas autobiográficas de um poeta - educador em formação. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Piauí, 2022.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola-Reflexões, comentários e dicas de atividades**. Autêntica, 2017.

TAVARES, Braulio. **Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil**. Editora 34, 2005.